





## **MISSIO DEI – PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DA COMPREENSÃO LUTERANA DE MISSÃO A PARTIR DA ANÁLISE DA “SISTEMÁTICA DO CATECISMO” DE MARTIM LUTERO<sup>1</sup>**

*Missio Dei – Theological presuppositions of the Lutheran understanding of  
Mission from an analysis of Martin Luther’s “Catechism Systematic”.*

**Claus Schwambach<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Partindo da consolidada constatação de pesquisadores de Lutero, de que a interpretação da segunda petição do Pai Nosso por Lutero, em especial no Catecismo Maior, pode servir de importante referência para compreender o que Lutero entende pelo que hoje denominamos de *missão* em perspectiva luterana, o presente estudo procura aprofundar as discussões sobre a missiologia luterana. Considerando que a interpretação da 2ª petição do Pai Nosso por Lutero no Catecismo Maior precisa ser compreendida dentro do todo do Catecismo Maior e da assim-chamada “sistemática do catecismo”, que revela o pano de fundo teológico maior no qual a 2ª petição está inserida, o foco da análise será os elementos teológicos e centrais da “sistemática do catecismo” que servem de pressuposto, quadro de referência e critério teológico da compreensão da teologia da missão que

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 10 de julho de 2019, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 16 de agosto de 2019, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Claus Schwambach é Doutor em Teologia pela Universidade Friedrich-Alexanders de Erlangen-Nürnberg, Alemanha. É Professor de Teologia Sistemática na FLT – Faculdade Luterana de Teologia. Como pesquisador de Lutero, é membro da CEOL – Comissão Editorial das Obras de Lutero, responsável pela publicação das *Obras Selecionadas de Lutero* (Editora Sinodal; Editora Concórdia). E-mail: [claus.schwambach@flt.edu.br](mailto:claus.schwambach@flt.edu.br).

se expressa na interpretação 2ª petição. A abordagem mostra que, sob o ponto de vista missiológico, essa “sistemática do catecismo” de Lutero pode ser resumida através da expressão *missio Dei*, sendo que o conceito tipicamente luterano de *missio Dei*, por estar inserido nos pressupostos hermenêuticos da “sistemática do catecismo” de Lutero, precisa ser necessariamente diferenciado de outras concepções contemporâneas de *missio Dei*, a despeito das inegáveis proximidades que se registram entre essas concepções. O estudo também procura apontar para proximidades e distanciamentos entre a tradição luterana e outras concepções missiológicas contemporâneas, como as da teologia da missão integral e a da teologia missional.

**Palavras-chave:** Missão em Martin Lutero. Missiologia luterana. *Missio Dei*. Teologia da Missão. Evangelização.

### ABSTRACT

*From Luther's researchers established finding that interpretation of Luther's second petition of the Lord's Prayer, especially in the Greater Catechism, may serve as an important reference for understanding what Luther understands by what we today call Lutheran perspective of Mission, the present study seeks to deepen the discussions on Lutheran missiology. Whereas Luther's interpretation of the 2nd Petition of the Lord's Prayer in the Greater Catechism needs to be understood within the whole of the Greater Catechism and the so-called "systematic of the catechism", which reveals the larger theological background in which the 2nd Petition is embedded, the focus of the analysis will be on analyzing the theological and central elements of the "systematic of the catechism" that serve as a presupposition, framework and theological criterion for understanding the theology of mission expressed in the 2nd petition interpretation. The approach shows that, from a missiological point of view, Luther's "systematic of the catechism" can be summarized through the expression *missio Dei*, and the typically Lutheran concept of *missio Dei*, as it is embedded in the hermeneutic assumptions of this "systematic of the catechism" Luther's, must necessarily be distinguished from other contemporary conceptions of *missio Dei*, despite the undeniable closeness between these conceptions. The study also seeks to point to proximity and distances between the Lutheran tradition and other contemporary missiological conceptions, such as those of integral mission theology and missional theology.*

**Keywords:** Mission in Martin Luther. Lutheran Missiology. *Missio Dei*. Mission Theology. Evangelization

## 1 MISSÃO COMO POTENCIAL INEXPLORADO DA TEOLOGIA DE LUTERO – OBSERVAÇÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DA PESQUISA

Ao longo dos hoje mais de 500 anos de Reforma protestante, não é raro encontrar afirmações de que a temática da missão foi um evidente ponto fraco de Martin Lutero e do Luteranismo posterior, ou mesmo que o tema missão não interessou a Lutero. A constatação de que, numa época em que “a cristandade ocidental tinha atingido seu maior grau de expansão territorial”, e em que o

“movimento missionário dentro da Europa chegara a um fim, [...] as preocupações primordiais da Reforma luterana eram a renovação da fé e a reforma da Igreja com base na Escritura”, e não a “evangelização mundial”<sup>3</sup>, já foi feita diversas vezes, tendo servido inclusive para criticar severamente<sup>4</sup> ou mesmo para justificar a reticência de muitos setores do Luteranismo em abraçar as questões da missão e da evangelização. Se de um lado, de fato, não é possível negar que o Luteranismo, visto globalmente, tenha sido caracterizado ao longo de sua história por uma oscilação<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> SCHERER, James A. **Evangelho, igreja e reino: estudo comparativos da teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 1991, p. 42.

<sup>4</sup> Clássica é a crítica que WARNECK, Gustav. **Outline of a History of Protestant Missions from the Reformation to the Present Time: A contribution to Modern Church History**. New York: Revell, 1901, fez, ao afirmar: “We miss in the Reformers not only missionary action, but even the idea of missions” (p. 9). O juízo de Warneck (1834-1910), que é um dos pais da missiologia moderna, infelizmente contribuiu para uma espécie de má reputação de Lutero no que diz respeito à questão da missão. Assim SCHERER, 1991, p. 43: “É claro que Warneck e seus contemporâneos, ao julgarem a consciência missionária da Reforma, tinham como critério principal a disposição de apoiar o trabalho das sociedades missionárias atuantes no exterior. Isto fez com que não notassem as percepções missionárias mais profundas de Lutero”.

<sup>5</sup> Essa oscilação pode ser percebida, p. ex., na diferença de ênfase e valor que se deu à missão no período da Ortodoxia e no período posterior, a partir do Pietismo. Segundo Scherer, as “confissões luteranas autoritativas não fazem qualquer afirmação sobre a teologia ou prática da missão”, o que contribuiu, ao lado de outros fatores, para uma determinada reticência missionária durante todo o período até praticamente o séc. 18 (SCHERER, 1991, p. 42). Já a partir do séc. 18, muitas dimensões missionárias contidas na teologia do Reformador foram não só redescobertas e revisitadas, mas também serviram de impulso muito frutífero tanto para a visão como para a práxis missionária de diversos movimentos e segmentos do luteranismo. São exemplos disso o intenso zelo missionário do movimento do Pietismo protestante a partir de 1700 (Philipp Jakob Spener; August Hermann Francke e o Pietismo de Halle; o Pietismo dos Irmãos Morávios, liderado pelo Conde Nicolaus L. von Zinzendorf, que enviou missionários para os mais longínquos continentes, incluindo a Índia e os esquimós. Nos séc. 19 e 20, muitas foram as entidades missionárias protestantes que se tornaram ativas na missão em nível internacional. Organizações como a *Missão da Basileia*, ou as obras missionárias de *Berlim*, do *Reno*, de *Hermannsburg* e de *Neuendettelsau* – só para citar algumas – enviaram pastores e missionários mundo afora, também ao Brasil. Apesar de certa falta de ênfase que se registra na práxis do que denominamos hoje de missão externa (alem. *Äussere Mission*) nos dias de Lutero, constatou-se sempre de novo que essas entidades atuaram justamente a partir de referenciais teológicos que encontraram, não somente na Bíblia, mas também na teologia de Lutero. Estavam convictas de que esses referenciais da teologia de Lutero não só favoreciam e promoviam, mas também desafiavam à práxis da missão. E isso, tanto junto a membros afastados e desinteressados – lembremos do movimento da *Missão Interna* (alem. *Innere Mission*) – quanto junto a povos pagãos ou não-cristãos – o que se convencionou

em relação à missão, que teve múltiplos fatores em cada local em que chegou, de outro lado não é possível simplesmente atribuir ao Reformador a ausência tanto da ação quanto da visão missionária em sua teologia, como o revela uma análise recente da história da pesquisa sobre esse tema<sup>6</sup>. James Scherer registra, p. ex., que “durante o período da Reforma abundam alusões e sugestões sobre a missão contidas nos próprios escritos primordiais de Lutero”<sup>7</sup>. E essa constatação, entretantes confirmada de modo sólido por inúmeros pesquisadores de Lutero<sup>8</sup>, é

---

chamar de *missão externa*.

<sup>6</sup> Cf. WETTER, Paul. **Der Missionsgedanke bei Martin Luther**. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 1999 – Na primeira parte (p. 27-102) de sua tese de doutorado, Wetter oferece um panorama da pesquisa até então realizada sobre o tema, mencionando 98 autores e pesquisadores que se posicionaram desde os dias de Lutero até o final do séc. XX sobre o tema missão em Lutero. Wetter os distribuiu entre os que defenderam que Lutero *não* tinha um pensamento missionário, e os que defenderam que o pensamento dele era claramente missionário. *Vozes negativas* (a partir da p. 27): J. Wiggers; F. M. Zahn; G. Kawerau; E. Lachmann; J. H. Kurtz; W. Köhler; M. Galm; S. Baudert; O. Michaelis; L. Bergmann; E. Schick; J. R. Brutsch; St. Neil; H. A. Wiersinga; R. H. Glover; Th. Ohm; M. J. le Guillon; P. D. L. Avis; Chr. H. Kalkar; G. Warneck; E. Ch. Achelis; K. Sell; L. M. Hodgkins; P. Glaube; H. Grisar; W. Lütgert; . Mirbt; H. Frick; J. Schmidlin; K. S. Latourette; J. H. Bavinck; J. Foster; K. Barth; W. R. Hogg; H. C. Jackson; J. H. Yoder; J. Verkuyl. *Vozes positivas* (a partir da p. 48): A. Ostertag; O. HardeLand; G. Stosch; F. Langenfass; W. Elert; K. Hartenstein; S. Knak; E. Strasser; K. Pfisterer; W. Holsten; G. Wingren; G. Plitt; P. Drews; K. Holl; E. Strümpfel; E. Danbolt; H. W. Schomeurs; G. Simon; C. Ihmels; H. Lilje; M. Schlunk; H. Dörries. Fazem parte desse conjunto de vozes positivas ainda, vários autores que se empenharam em *descrever com detalhes as características da compreensão de missão do Reformador* (cf. a partir da p. 84): F. Wiebe; G. F. Vicedom; P. Gäbler; J. Aagaard; W. Maurer; R. A. Syndal; A. Peters; G. Rosenkranz; H. Kasdorf; J. A. Scherer; J. van den Berg; H. Schlyter; H. W. Gensichen; K. B. Westmann; J. W. Montgomery; Ch. Chaney; H. R. Lavater; H. Bürkle; H. DeWard. E, para finalizar, Wetter ainda apresenta uma última lista de pesquisadores, que – afirmando que o pensamento missionário está presente em Lutero – publicaram *pesquisas sobre aspectos parciais da compreensão de missão do Reformador* (a partir da p. 92): Fr. Delitzsch; Th. Kolde; J. Pindor; P. Eppler; H. Vossberg; W. Holsten; E. Kellerhals; W. Maurer; J. Köstlin; Th. Elze; H. Barge; G. Simon; A. Schlatter; E. Wolf; R. Pfister; J. Brosseder. Em sua própria análise, Wetter chega ao resultado de que, a despeito das vozes negativas, é possível encontrar um claro pensamento missionário nos textos de Lutero.

<sup>7</sup> SCHERER, 1991, p. 42.

<sup>8</sup> Remetemos aqui a uma série de pesquisas antigas e recentes que exploraram essa matéria, concentrando-nos apenas nas mais relevantes: 1) Clássico é, inicialmente, o estudo feito por Gustav Leopold Plitt (1836-1880), disponível em HARDELAND, Otto (Ed.). **Geschichte der lutherischen Mission nach den Vorträgen des Pfr. D. Plitt**. Vol. 1. Leipzig: Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1894-1895. Para Plitt, a missão é a tarefa essencial da igreja em todos os tempos e épocas, mas o pressuposto para que faça missão é que ela mesma se encontre bem fundamentada no evangelho; 2) DREWS, Paul. Die

Anschaungen reformatorischer Theologen über die Heidenmission. In: **Zeitschrift für Praktische Theologie**. Frankfurt a. M., vol. 19, 1897, p. 1-26; 3) SCHLATTER, Adolf. Luther und die Mission. In: **Evangelisches Missionsmagazin**. Basiléia, vol. 61, 1917, p. 281-288; 4) HOLL, Karl. Luther und die Mission. In: HOLL, Karl. **Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte**. Vol. 3. Der Westen. Tübingen: Mohr Siebeck, 1928, p. 234-243; 5) DÖRRIES, H. Luther und die Heidenpredigt. In: DÖRRIES, H. **Mission und Theologie**. Göttingen: H. Reise, 1953, p. 61-77; 6) GENSICHEN, H.-W. Were the Reformers Indifferent to Missions? In: GENSICHEN, H.-W. **History's Lessons for Tomorrow's Mission**. Genebra: WSCF, 1960, p. 119-127; 7) MAURER, W. Reformation and Mission. In: **Lutherisches Missionsjahrbuch**. [s.l.]: Selbstverlag der Bayrischen Missionskonferenz, 1963, p. 20-41; 8) ELERT, 1958, p. 336-354, aborda e comenta as principais passagens em que o tema aparece em Lutero, comenta-as no contexto da obra e das discussões vigentes na primeira metade do séc. 20; 9) STOLLE, Volker. **Kirche aus allen Völkern**. Luther-Texte zur Mission. Erlangen: Verlag der Evangelischen Lutherischen Mission, 1983, excelente coletânea contendo os principais textos de Lutero sobre missão, agrupados sistematicamente conforme suas ênfases; 10) SCHERER, 1991, oferece um excelente panorama do pensamento e dos enfoques de Lutero, e contempla, na bibliografia, discussões até os anos 80; 11) RAUPP, Werner (Ed.). **Mission in Quellentexten**. Von der Reformation bis zur Weltmissionskonferenz 1910. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission; Bad Liebenzell: Verlag der Liebenzeller Mission, 1990, p. 13-20 (veja excelente lista de literatura ao final); 12) WETTER, Paul. **Der Missionsgedanke bei Martin Luther**. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 1999 – Tese de doutorado que contém um abrangente conjunto de citações do todo da obra de Lutero, incluindo muitas obras menores, pouco citadas por outros autores. Na primeira parte (p. 27-102), o autor oferece um panorama da pesquisa até o final do séc. XX. Na segunda parte de sua pesquisa (p. 104ss) o autor demonstra com ampla menção de fontes, tanto a partir de escritos grandes centrais (Preleção sobre Romanos, Preleção sobre Gênesis, Catecismos), quanto de menores (como hinos e pregações), que Lutero defendeu de forma muito evidente que o evangelho deveria ser anunciado aos povos. No terceiro capítulo (p. 156-290), Wetter apresenta a missiologia de Lutero em perspectiva sistemática, dentro do conjunto de sua teologia. Mostra também como Lutero se preocupou com a missão entre judeus, turcos e outros povos. No quarto capítulo (p. 294-320), o autor aborda os poucos autores dos séc. 16 e 17 que fundamentaram ações missionárias a partir de uma evidente fundamentação na teologia de Lutero. No Quinto e último capítulo (p. 323-330), Wetter aborda a questão: se Lutero tem um claro pensamento missionário, por que o Luteranismo imediatamente posterior silenciou sobre o tema? Wetter arrola as razões históricas que conduziram a isso e mostra como há um novo despontar missionário a partir do legado reformatório no Pietismo. 13) HUHTINEN, Pekka. Luther and World Missions: A review. In: **Concordia Theological Quarterly**. Fort Wayne, vol. 65, n. 1, jan., 2001, p. 15-30 (excelente discussão da literatura e pesquisa recentes); 14) ÖBERG, Ingemar. **Luther and World Mission: A Historical and Systematic Study with Special Reference to Luther's Bible Exposition**, translated by Dean Apel. St. Louis: Concordia, 2007; aqui encontra-se novamente um excelente sumário da discussão antiga e recente e um ótimo estudo de fontes originais de Lutero, principalmente suas interpretações bíblicas de Mt 6.10; 13; 22.1-14; Lc 14.16-24, entre outros. Há, obviamente, todo um conjunto de literatura secundária, que se encontra arrolada nas bibliografias das obras acima. Interessante é também a discussão recente em torno da tese de que a Reforma consistiu

um dos pontos de partida para a presente abordagem. Justamente ante os enormes desafios missionários do mundo contemporâneo, torna-se imperativo trabalhar no *resgate do legado missiológico contido na própria teologia do Reformador*, bem como no diálogo crítico e construtivo com as vertentes e tendências da missiologia contemporânea, em especial as que passam por recepções e servem de referencial dentro do protestantismo luterano<sup>9</sup>. Scherer demarcou essa tarefa de forma muito clara já nos anos 80: “O pensamento do próprio Lutero possui uma estrutura singularmente missionária. Aqui pode-se observar o enorme potencial inexplorado da Reforma para a prática missionária”<sup>10</sup>. Também Werner Elert já havia demarcado de forma contundente a premência e a relevância dessa tarefa em sua obra monumental sobre a *Morfologia do Luteranismo*<sup>11</sup>, ao afirmar que se faz necessário compreender a estrutura profundamente missionária do pensamento de

---

num processo de cristianização: 15) VALCO, Michal. **Martin Luther’s Views on Mission and Christianization**. [2016]. Disponível em: <<http://religion.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-367>>. Acesso em: 22 out. 2018; 16) HENDRIX, Scott H. **Re-Cultivating the Vineyard: The Reformation Agendas of Christianization**. Louisville; London: Westminster John Knox, 2004; 17) JOHNSON, Anna Marie; MAXFIELD, John A. (Eds.). **The Reformation as Christianization: Essays on Scott Hendrix’s Christianization Thesis**. Spätmittelalter, Humanismus, Reformation/Studies in the Late Middle Ages, Humanism and the Reformation, 66. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012; 18) para uma crítica – ao nosso ver pertinente – a essa tese, veja p. ex.: WENDEBOURG, Dorothea. The Reformation as Christianization? In: **Eccelesiology**. Leiden, vol. 10, n. 1, 2014, p. 101-111.

<sup>9</sup> Nesse estudo, serão feitas apenas alusões para os diversos elementos da teologia de Lutero que dialogam com ênfases e concepções missiológicas mais recentes.

<sup>10</sup> SCHERER, 1991, p. 43.

<sup>11</sup> ELERT, Werner. **Morphologie des Luthertums**. Vol. 1. Theologie und Weltanschauung des Luthertums, hauptsächlich im 16. und 17. Jahrhundert. Munique: C. H. Beck’sche Verlagsbuchhandlung, 1958. Cf. em especial o capítulo sobre missão (p. 336-354). Elert atesta que Lutero não perdeu de vista em momento algum a intenção redentora universal do envio de Cristo e de seu evangelho (p. 336). Também não perdeu de vista a visão de que, Deus quer abençoar, em Cristo, todos os povos e todo o mundo (p. 337). Lutero conhece uma necessidade universal de salvação, que implica numa crítica a toda religiosidade humana e a todas religiões como caminhos de salvação (p. 337). Com riqueza de alusões na obra do Reformador, Elert comprova o quão profunda era sua visão missionária. Inclusive Elert entende que, mesmo que Lutero tenha tido que se dedicar prioritariamente à reforma da igreja, e que o Luteranismo posterior tenha tido que se dedicar à consolidação das igrejas da reforma, o pensamento missionário não ficou simplesmente esquecido no contexto da própria Reforma do séc. XVI e no contexto do Luteranismo posterior (p. 342s).

Lutero como um todo, bem como sua compreensão missionária do evangelho<sup>12</sup> e da Igreja<sup>13</sup>. Scherer, por sua vez, entende que um dos desafios da missiologia luterana consiste em “transpor o hiato existente entre a concepção de missão puramente teocêntrica ou vertical de Lutero e a concepção horizontalista” de várias correntes que tem vigorado do séc. 19 até a atualidade<sup>14</sup>.

Considerando que a temática da missão em Lutero consiste em um potencial rico, mas ainda bastante inexplorado para a teologia da missão e para a práxis da missão, a presente abordagem ocupar-se-á com o seguinte *foco de pesquisa*: mencionou-se já por diversas vezes na história pesquisa de Lutero que entre as passagens que servem de referência teológica para sua compreensão de missão está a interpretação que ele faz da 2ª petição do Pai Nosso nos Catecismos<sup>15</sup>, em especial no Catecismo Maior. Essa passagem é vista como uma das passagens não apenas relevantes, mas até mesmo *centrais* para a

---

<sup>12</sup> “Das Evangelium ist immer im Anfang, immer unterwegs, immer im Angriff. Es *soll* zu allen Völkern kommen. ... Diese Auffassung des Evangeliums ist bei Luther nun aber nicht eine ‘Auffassung’. Sie ist im strengen Sinne ‘Missionsgedanke’ [...]. Nur aus der Dynamik des Evangeliums selbst kann der ‘Missionsgedanke’, der evangelisch sein will, seine verpflichtende Kraft holen...” (ELERT, 1958, p. 338s). “Luther [denkt] den evangelischen Missionsgedanken nicht individualistisch... Er denkt ihn kirchlich, d.h. er denkt im ganzen der ‘Christenheit’ wie der Völkerwelt und ihrer Geschichte. Dabei fällt sein blick selbstverständlich auch auf die Menschen und Völker, die das Evangelium noch nicht vernommen haben” (p. 339).

<sup>13</sup> “‘Die Mission’ [...] ‘ist nichts als die Eine Kirche Gottes in ihrer Bewegung – die Verwirklichung einer allgemeinen, katholischen Kirche’. Das ist genau im Sinne Luthers gedacht. Die Bewegung der Einen Kirche – Kirche ist Bewegung, denn sie ist nur der Ausdruck der unendlichen Dynamik des Evangeliums” (ELERT, 1958, p. 340, citando aqui Wilhelm Löhe).

<sup>14</sup> SCHERER, 1991, p. 43.

<sup>15</sup> CATECISMO MAIOR do Dr. Martinho Lutero. In: **Livro de Concórdia**. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4ª ed. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1993, p. 385-496 (doravante mencionado no aparato de notas simplesmente como: **Catecismo Maior**); cf. também: ENQUIRÍDIO. CATECISMO MENOR do Dr. Martinho Lutero para os pastores e pregadores indoutos. In: **Livro de Concórdia**. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1993, p. 361-384 (doravante mencionado no aparato de notas simplesmente como: **Catecismo Menor**).

compreensão do que é missão para o Reformador<sup>16</sup>. No entanto, raras<sup>17</sup> são as abordagens da pesquisa de Lutero que interpretam com maior profundidade o teor dessa 2ª petição do Pai Nosso no contexto maior da sua teologia, que é a teologia dos Catecismos como um todo, nos quais encontramos o que a pesquisa recente de Lutero tem denominado de “sistemática do Catecismo”<sup>18</sup> e expressão da *síntese da mensagem central das Escrituras Sagradas e da vida cristã* na ótica do Reformador. Assim, a *hipótese de trabalho* que deu origem a pesquisa foi a seguinte: considerando-se que os catecismos de Lutero foram elaborados dentro dessa sistemática do Catecismo como uma concepção teológica altamente

---

<sup>16</sup> Cf. SCHERER, 1991, p. 44s; WETTER, 1999, p. 125: “... hier [in der zweiten Bitte des Vaterunser]... kommt Luthers Missionstheologie fein und knapp zum Ausdruck”. Wetter afirma que nessa 2ª petição do Pai Nosso encontram-se duas orações missionárias de Lutero. “Man muss das Missionsgebet ganz lesen, um bei Luther seines ganzen Missionsernstes und seine ureigene Missionstheologie inne und Gewiss zu werden” (p. 126).

<sup>17</sup> Coube a Meiken Buchholz explorar essa temática em sua tese de mestrado [não publicada]: BUCHHOLZ, Meiken. **Die Missionstheologische Bedeutung der zweiten Vaterunser-Bitte**, dargestellt im Vergleich ihrer Behandlung auf der Weltmissionskonferenz in Melbourne 1980 mit ihrer Auslegung durch Martin Luther und Karl Barth. Tübingen (material não publicado), s.a., p. 14ss.

<sup>18</sup> Quem tem insistido recentemente na necessidade de interpretar temas dos catecismos de acordo com a “sistemática do Catecismo” do Reformador é BAYER, Oswald. **A teologia de Martin Lutero**. Uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 13; e especialmente BAYER, Oswald. **Theologie**. HST 1. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994, p. 106-114 (tópico: “Katechismussystematik”). Na presente abordagem, seguimos Bayer e pressupomos a noção da sistemática do Catecismo de Lutero como expressão sólida de seu pensamento teológico. Há que se considerar que, para Lutero, o catecismo consiste em “*exatissimam methodum totius religionis*” [do método exatíssimo de toda a religião] (WA TR 3,585,7; nr. 3883, de 26 de maio de 1538, *apud* BAYER, 1994, p. 109); por isso, o Reformador formulou seu catecismo de modo a nele resumir e apresentar o núcleo central da fé cristã: “Mein Rath ist, dass man nicht disputire von heimlichen, verborgenen Dingen, sondern einfältig bleibe in Gottes Wort, fürnehmlich im Katechismo, denn im selben habt Ihr einen sehr feinen, richtigen, kurzen Weg der ganzen christlichen Religion und die fürnehmsten Häuptartikel kurz verfasst” (WA TR 3,685,15-18, nr. 3883, de 26 de maio de 1538, *apud* BAYER, 1994, p. 109, detalhes p. 110ss). Quanto à sistemática do Catecismo propriamente dita, Bayer a resume assim: “Nur dem ersten Anschein nach liegt ... eine Dreigliederung vor. In Wirklichkeit handelt es sich um eine Zweigliederung – um die Unterscheidung von Gesetz und Evangelium; Credo und Vaterunser sind zusammenzunehmen. Dann ist in der Unterscheidung von Gesetz und Evangelium die Summe der ganzen Schrift und des ganzen christlichen Lebens formuliert. ... Das Credo und das exemplarische Gebet, das Vaterunser, gehören zusammen und machen das Evangelium im Unterschied zum Gesetz aus.” (p. 111).

refletida<sup>19</sup> e que permite perceber o núcleo central de sua teologia, poderia ser um avanço para a pesquisa missiológica – em especial a de tradição luterana – *interpretar uma vez a abordagem que Lutero faz da 2ª Petição do Pai Nosso nos Catecismos enquanto texto missiológico central dele, no horizonte do todo da sistemática do Catecismo*. Pois, se a interpretação da 2ª Petição do Pai Nosso por Lutero contém dados centrais sobre a sua missiologia em sentido restrito, a interpretação dessa petição dentro da sistemática do Catecismo como um todo estaria em condições de nos clarear qual é, afinal, *o lugar e a função da missão dentro do todo da teologia do Reformador*. A tese defendida nesse estudo é que os Catecismos de Lutero – especialmente o Catecismo Maior – são uma privilegiada fonte original para se falar sobre o que hoje poderíamos chamar de *teologia da missão de Martim Lutero*, que permite compreender o tema da missão dentro de um quadro de referência maior do todo de sua teologia. Tal abordagem visa contribuir para uma melhor explicitação do *perfil da estrutura missionária da teologia de Lutero*, para perceber melhor suas múltiplas e dinâmicas conexões com a teologia da criação, a hamartiologia e toda a antropologia, a cristologia e a soteriologia, a pneumatologia, a eclesiologia e a escatologia do Reformador. Que Lutero obviamente não utilizou a nossa terminologia missiológica moderna e contemporânea<sup>20</sup>, mas que indubitavelmente a abarca em seu conteúdo e em

---

<sup>19</sup> Albrecht Peters – autor da mais completa e abrangente interpretação científica dos Catecismos de Lutero disponível na pesquisa contemporânea de Lutero e que se tornou na principal obra de referência existente sobre o tema, que é o “Kommentar zu Luthers Katechismen” em 5 volumes – afirmou: “Die Reihenfolge der grundlegenden Katechismusstücke ist ... verantwortlich durchreflektiert und inhaltlich gefüllt. [...] Luther wollte ... die ihm anvertrauten Menschen von ihrem Alltag her behutsam in den eschatologischen Glaubensweg eines reifen Christenmenschen einführen” (PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Vol. 1. Die Zehn Gebote. Luthers Vorreden. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990, p. 48). Nesse primeiro volume, Peters rastreia as origens bíblicas e patrísticas da tradição catequética luterana, e também apresenta a coesão interna entre as suas 3 partes principais (Decálogo, Credo, Pai Nosso) – cf. cf. esp. p. 38-51 (Die Zuordnung der drei zentralen Hauptstücke).

<sup>20</sup> Vale lembrar que os termos técnicos *missão mundial* ou mesmo *missão* irão surgir ca. de 200 anos após a morte de Lutero. “Luther did not use missiological terms (for example, “mission motive”, “world mission” or “mission”) in the same technical sense as we use them today. But he uses such words as *senden* (send), *Sendung* (sending), in Latin *mittere/missio*, when he speaks about bringing the gospel to the nations. Luther is, first of all, a Bible interpreter and reformer. Reading and working with the Bible made Luther the Reformer! The aim of ... [the] research is not to make Luther a mission strategist. Luther is approached more as a theologian of mission than as an exponent of mission practice.” (HUHTINEN, 2001, p. 16s).

seus méritos, a despeito de sua linguagem teológica própria, é algo que muitas vezes tem sido atestado por aqueles que o pesquisam<sup>21</sup>. Se, portanto, estivermos em condições clarear o *perfil da estrutura missionária da teologia de Lutero*, e de, a partir desse perfil teológico, demonstrar similaridades de mérito, de conteúdos e de anseios teológicos escondidos por detrás de uma linguagem diferente entre o Reformador e nossas missiologias contemporâneas, teremos nele um parceiro de diálogo, que nos deixará perceber o quanto as missiologias contemporâneas, *mutatis mutandis*, já efetuaram recepções das fontes primárias da Reforma, e, vice-versa, o quanto uma missiologia na tradição da Reforma pode agregar conteúdo, novas perspectivas e novos impulsos a partir delas, na medida em que souber fazer uma recepção destes impulsos a partir das coordenadas bíblico-teológicas expressas na sistemática do Catecismo de Lutero.

Nossa abordagem<sup>22</sup> se desenvolverá em duas partes: 1) Exposição

---

<sup>21</sup> Se pensarmos na terminologia surgida no Pietismo protestante e nos Movimentos de Avivamento (ou de Despertamento) em sua ênfase não apenas evangelística, mas também missional-diaconal, a exemplo da distinção entre *missão interna* (voltada para a evangelização, a edificação e o avivamento dos membros já batizados das igrejas cristãs, e a edificação de comunidades já constituídas) e *missão externa* (atuação missionária de cristãos e igrejas junto a não cristãos e a outros povos, visando constituir igreja), encontraremos ambas as perspectivas na teologia de Lutero (cf. SHANTZ, Douglas H.; ERB, Peter C. **An introduction to german Pietism: Protestant Renewal at the dawn of modern Europe**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013). O quanto a temática da *missio Dei* não apenas se encontra *mutatis mutandis* em Lutero, mas também o quanto ela foi inspirada por impulsos reformatórios, pode-se perceber em: **Lutheran Contributions to the Missio Dei**. Genebra: LWF, 1984; cf. STOLLE, 1983; VICEDOM, Georg F. **A missão como obra de Deus: Introdução a uma teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 1996. Recentemente tem-se trabalhado no conceito de uma *igreja missional* e de uma *teologia missional*. Já um exame, p. ex., na obra de Timothy Keller, mostra o quanto também esse conceito está em diálogo com a teologia de Lutero, o qual é citado por Keller em vários momentos: KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014, cf. p. ex., p. 72 (centralidade da pregação do evangelho); p. 83ss (questão do 1º mandamento e da idolatria, cf. tb. p. 154 e a conexão do tema missão com a centralidade do evento da justificação); p. 169ss (questão da crítica contra cultural e do sacerdócio real de todos os crentes); p. 224ss; 249ss (missão e a concepção dos dois reinos) etc. Um estudo comparativo entre o pensamento de Lutero e o de Keller encontra-se no TCC da estudante de Teologia STEFAN BANDERÓ, Elis Regina. **Uma abordagem sobre a unidade da igreja centrada no evangelho: a partir de Lutero e Keller**. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia, 2017, 52 p. (Monografia, material não publicado, disponível na Biblioteca da FLT).

<sup>22</sup> Ensaio e versões mais breves e sintéticas dessa temática já foram apresentadas em outras abordagens, voltadas para o público das comunidades: SCHWAMBACH, Claus.

e interpretação dos pressupostos da teologia da missão de Lutero a partir de uma análise da sistemática do Catecismo – com base no Catecismo Maior em perspectiva missional; 2) Exposição do núcleo central da missiologia de Lutero a partir de sua interpretação da 2ª petição do Pai Nosso<sup>23</sup> no Catecismo Maior.

## **2 MISSIO DEI – O CAMINHO DO DEUS TRIÚNO COM SUA CRIAÇÃO CONFORME A SISTEMÁTICA DO CATECISMO DE LUTERO COMO HORIZONTE TEOLÓGICO DA MISSIOLOGIA LUTERANA**

No Catecismo Maior, em suas três partes principais (Decálogo, Credo Apostólico e Pai Nosso) encontramos uma das mais primorosas formulações da teologia de Martinho Lutero, que ele concebeu como síntese da mensagem narrativa das Escrituras Sagradas<sup>24</sup>. Neles o Reformador apresenta – em característica confluência entre reflexão acadêmica e linguagem pastoral com conexão existencial<sup>25</sup> – o cativante e fascinante movimento dinâmico e incansável, afetuoso

---

Missão a partir da teologia de Martinho Lutero. In: MORGNER, Christoph (Ed.). **Tinta, teses, temperamentos**. Seguindo os passos de Martinho Lutero. Curitiba: Esperança, 2017, p. 177-190; SCHWAMBACH, Claus. Missão na teologia de Martinho Lutero. In: **Revista OrientAção**, São Bento do Sul, n. 7, jan.-jul. 2017, p. 29-33.

<sup>23</sup> Como esse estudo foi dividido em 2 partes, os pressupostos teológicos do pensamento missionário de Lutero serão abordados no *presente* artigo, e a missiologia contida na interpretação da 2ª petição do Pai Nosso será abordada no próximo número de Vox Script. – Rev. Teol. Intern. (Vol. 27, nr. 3; set.-dez. 2019), sob o título: **Venha o teu Reino!** Elementos essenciais de uma teologia luterana da missão a partir da interpretação da segunda petição do Pai Nosso por Martinho Lutero – trata-se de um artigo de continuidade direta do presente artigo.

<sup>24</sup> “[...] nessas três partes está abrangido, de maneira breve, facilmente inteligível e do modo mais simples, tudo o que temos na Escritura. Pois os amados pais ou apóstolos ... resumiram assim a doutrina, vida, sabedoria e conhecimento dos cristãos, de que falam e tratam, e com que se ocupam” (**Catecismo Maior**, p. 393). Sobre o sentido e significado histórico-bíblico e teológico-sistemático das correlações que Lutero estabelece entre essas 3 partes dos Catecismos, cf. PETERS, 1990, p. 38-49.

<sup>25</sup> Oswald Bayer é um dos pesquisadores contemporâneos de Lutero que demonstrou, justamente a partir da sistemática do Catecismo de Lutero, que a teologia do Reformador evita o hiato entre piedade comunitária e teologia acadêmica universitária, o que também é uma intuição importante para nossa temática: “Eine Kluft zwischen Gemeindefrömmigkeit und Universitätstheologie war bei Luther im Ansatz schon vermieden. Luther brachte die *eine* Wahrheit in der Sprache der Predigt und in der Sprache des Katechismus zu Gehör”. (BAYER, 1994, p. 108).

e misericordioso da santíssima trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – em direção às suas criaturas, escravizadas debaixo do poder do pecado, das forças da morte, das trevas e do diabo<sup>26</sup>. A perspectiva trinitária perpassa os Catecismos e fornece o norte teológico maior, dentro do qual o todo é desenhado. Seguindo o fluxo narrativo da própria história da salvação apresentada nas Escrituras Sagradas do AT e do NT, e acompanhando o que hoje denominamos de metanarrativa bíblica, o Reformador vai ensinando ao longo de sua interpretação das três grandes partes dos Catecismos, os propósitos e os caminhos do trino Deus com a humanidade, contemplando as quatro situações histórico-salvíficas desta: criação, queda, redenção e consumação. A constatação dessa perspectiva trinitária abrangente e transversal nos Catecismos e em especial no Catecismo Maior – que será atestada nas diversas citações contidas nesse estudo –, leva-nos, já de início, à seguinte *conclusão e afirmação*: o que costumamos hoje resumir sob o conceito *missio Dei* indubitavelmente pode ser aplicado a Lutero. Por conta de sua estrutura trinitária com singular horizonte missionário, a teologia de Lutero pode ser denominada, por diversas razões, de uma teologia da *missio Dei*<sup>27</sup>. No entanto, como o conceito contemporâneo da *missio Dei* tem seu *Sitz im Leben* e histórico de recepção própria<sup>28</sup>, e está carregado de nuances, enfoques e de pressupostos teológicos das

<sup>26</sup> “In den Katechismen tritt der Reformator bewusst ein in das heilige Eifern des Bundesgottes um sein Bundesvolk und weitet es aus auf das Eifern des Schöpfers um den Gehorsam seiner vernunftbegabten Geschöpfe.” Assim: PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Vol. 1. Die Zehn Gebote. Hrsg. V. Gottfried Seebass. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990, p. 109).

<sup>27</sup> “Para Lutero, a missão é sempre de forma preeminente obra do Deus triúno – *missio Dei* –, e seu alvo e resultado são a vinda do Reino de Deus. Lutero vê a Igreja, juntamente com a palavra de Deus e todo crente batizado, como instrumentos divinos cruciais para a missão. Entretanto, em nenhum lugar o reformador faz da Igreja o ponto de partida ou o alvo final da missão... É sempre a *missão do próprio Deus* que domina o pensamento de Lutero, e a vinda do *reino de Deus* representa sua culminação final. ... Lutero antecipa a linha atual do pensamento missiológico, que toma o reino de Deus, e não a Igreja, como seu conceito-chave.” (SCHERER, 1991, p. 44).

<sup>28</sup> Para entender o significado e a história do conceito *missio Dei* nas discussões do séc. XX, em especial seu surgimento, não sem influências da teologia de Karl Barth, no contexto da Conferência do Conselho Missionário Internacional (CoMIIn) de Willingen, Alemanha, em 1952, veja os diversos artigos contidos em **Missio Dei Heute**. Zur Aktualität eines missionstheologischen Schlüsselbegriffes. Breklum: Breklumer Druckerei, 2002. Cf. ROSIN, H. H.; van WINSEN, G. **Missio Dei**, term en functie in dezingstheologische discussie. Leiden: Brill, 1971; SUESS, Paulo. *Missio Dei and the Project of Jesus: The poor and the “other” as mediators of the Kingdom of God and protagonists of the Churches*. In: **International Review of**

discussões contemporâneas não encontrados dessa forma nos textos de Lutero, é fundamental que, se aplicado a Lutero, *se preencha o conteúdo desse termo técnico missiológico contemporâneo a partir da teologia e dos pressupostos e enfoques teológicos do próprio Reformador*, e não simplesmente se retroprojete anacronicamente o conceito contemporâneo sobre ele<sup>29</sup>. Em outras palavras: a teologia de Lutero é uma teologia da *missio Dei sui generis*, que possui características próprias e *diferentes* do conceito contemporâneo, e que serão identificadas ao longo da abordagem que segue.

Dentro do movimento dinâmico da ação criadora, redentora e consumadora do Deus triúno, tudo aquilo que Lutero formula na 2ª petição do Pai Nosso está, dessa forma, a rigor, *inseparavelmente conectado* com as ênfases teológicas que ele dá nas demais partes antecedentes do Catecismo (Dez Mandamentos, três artigos dos Credos da igreja cristã, e Pai Nosso), e que lhe servem de *pressuposto, critério e quadro de referência teológico*. E os elementos tipicamente missiológicos em sentido restrito que encontramos na 2ª petição do Pai Nosso são apenas uma espécie de *afunilamento* de toda uma lógica de pensamento e da sistemática do Catecismo que Lutero já vem formulando em sua interpretação dos Dez Mandamentos e do Credo, e que serve de pressuposto e quadro de referência para aquela.

## **2.1 A autoapresentação de Deus como criador em sua validade e reivindicação universais – Criação e revelação divina como ponto de referência para a missiologia**

Lutero inicia o Catecismo com a interpretação do **Decálogo** (Êx 20.1ss) e o faz de tal forma que para ele, Deus, simplesmente por ser o criador de todas as coisas e o redentor de seu povo, toma a iniciativa e se dirige como criador e juiz

---

**Mission**. vol. 92, out./2003, p. 550-559. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1758-6631.2003.tb00428.x>>. Acesso em: 01 ago. 2019; cf. BOSCH, David. **Missão Transformadora**. Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2009, p. 466ss. Para uma síntese informativa: STANGE, Klaus A. *Missio Dei*: Da obrigação para o privilégio. In: **Revista Orientação**. São Bento do Sul, n. 7, jan.-jun. 2017, p. 11-14.

<sup>29</sup> Daí decorre um certo desiderato para a pesquisa contemporânea de Lutero, em reconstruir com maior profundidade as características do que seria seu entendimento de *missio Dei* em Lutero, e contrastá-lo criticamente com as concepções contemporâneas. Nisso reside uma tentativa de contribuição desse artigo.

a todos os seres humanos e revela seu propósito para com suas criaturas. Isso se mostra para Lutero de modo contundente no 1º mandamento: “*Eu sou o Senhor, teu Deus... Não terás outros deuses diante de mim*” (Êxodo 20.2s). Para Lutero, o preâmbulo do Decálogo é paradigmático, sendo típico de sua “sistemática do Catecismo” que ele vê no 1º mandamento o mais importante dos mandamentos, e o entende como *autoapresentação de Deus* não só a seu povo Israel, mas por extensão, à totalidade da humanidade na totalidade de sua história<sup>30</sup>, imbricando o Decálogo teológico com o Credo, em especial com o 1º artigo sobre a criação<sup>31</sup>. Deus se autoapresenta à sua criação como criador através de toda a criação – para ele, *toda a criação é uma alocução* à criatura através da criatura, de maneira que a mesma função que o preâmbulo do Decálogo e o próprio Decálogo cumpriam em relação ao povo de Israel, a totalidade da criação cumpre em relação à totalidade da humanidade: através da criação Deus mesmo se apresenta como criador e mantenedor em sua bondade e juízo, em evangelho e em lei<sup>32</sup>, resgatando teologicamente o que chamamos de revelação natural (cf. Rm 1.18ss; At 17.22-31). Ao final da explicação do 1º mandamento, Lutero afirma que Deus é “fonte eternal que transborda de pura bondade, e do qual mana tudo o que é e se chama bom”<sup>33</sup>. E na sequência, aponta para as mediações criacionais da presença de Deus em sua criação e na história, seja em pessoas, instituições (pais, autoridades) ou no conjunto das demais criaturas<sup>34</sup>:

<sup>30</sup> “Nicht allein die Kult- und Sozialgeschichte Israels, sondern die Weltgeschichte ist als das Ringen des Glaubens mit dem Unglauben um die Gültigkeit des ersten Gebotes zu erkennen” (PETERS, 1990, p. 109).

<sup>31</sup> BAYER, Oswald. Ich glaube, dass mich Gott geschaffen hat samt allen Kreaturen. Beispiel einer Katechismussystematik. In: BAYER, Oswald. **Schöpfung als Anrede**: zu einer Hermeneutik der Schöpfung. 2. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1990, p. 80-84 (tópico: “Dekalog und Credo: Schöpfungsglaube und Gotteszusage”). “Wie kein Ausleger vor ihm hat Luther das erste Gebot über alle anderen Gebote gestellt, já im ersten Gebot Gottes gesamtes Handeln an der Menschheit wie in einem Brennspeigel zusammengefasst gesehen” (PETERS, 1990, p. 109).

<sup>32</sup> Cf. BAYER, Oswald. Schöpfung als “Rede an die Kreatur durch die Kreatur”. Die Frage nach dem Schlüssel zum Buch der Natur und Geschichte. In: BAYER, 1990, p. 9-32; BAYER, Oswald. Verlässliches Wort. Sprache und Welt bei Luther. In: BAYER, 1990, p. 33-45; e BAYER, Oswald. Zugesagte Welt in der Verschränkung der Zeiten. Luthers Verständnis der Schöpfung. In: BAYER, 1990, p. 46-60.

<sup>33</sup> **Catecismo Maior**, p. 398.

<sup>34</sup> Há uma rica teologia das mediações criacionais da presença terrena de Deus que precisa ser pressuposta aqui, através da qual, ainda antes e à parte de sua presença redentora em Cristo, revela sua infinita bondade e cuidado: “Gott ist uns als gnädiger Schöpfer und

Pois, ainda que de resto muita coisa boa nos vem de homens, todavia é receber de Deus tudo quanto se recebe por seu mandado e ordem. Nossos pais e todas as autoridades, e a mais disso cada um relativamente ao seu próximo, têm ordem de nos fazerem toda sorte de bem. De maneira que não o recebemos deles, senão de Deus por intermédio deles. As criaturas são apenas a mão, o canal e o meio através de que Deus tudo concede, assim como dá seios e leite à mãe para dá-los à criança, e dá grãos e toda espécie de frutos da terra para alimentação. Criatura nenhuma pode produzir, por si mesma, um só que seja desses bens.<sup>35</sup>

À luz do primeiro mandamento fica evidente nessas mediações criacionais<sup>36</sup> que toda a humanidade, ainda muito antes e à parte da revelação de Deus em Cristo, experimenta – mesmo sem o saber nem o reconhecer – a incomensurável bondade e cuidado de Deus, que se manifesta numa noção difusa, profusa e confusa que os povos possuem da divindade, bem como na criação e invocação de incontáveis divindades e coisas que divinizam<sup>37</sup>. A necessária proclamação do 1º mandamento revela, no entanto, para Lutero, quem é esse Deus como origem de todas as coisas, em quem todos vivem, se movem e existem (At 17.28), e qual é, afinal, sua exigência e vontade, já expressa na criação, mas incompreendida. E esse é um pressuposto importantíssimo da missiologia luterana, em que o caráter *sui generis* da compreensão luterana da *missio Dei* se revela, em distinção de outros conceitos contemporâneos. A universalidade e a amplitude cósmica da autoapresentação de Deus na proclamação do 1º mandamento em sua reconexão com a revelação de Deus na criação têm, para Lutero, caráter *promissional*, e nessa característica criação e revelação enquanto autoapresentação de Deus perfazem um ponto de referência imprescindível

---

gütiger Segenspendender nahe und den Larven seiner Kreaturen sowie seiner Institutionen in Natur und Geschichte. Die gesamte Dekalog-Deutung der Katechismen blickt unermüdlich auf Gottes schöpferisches Gebieten wie gebietendes Schaffen. Nicht der im Sohn uns vom Fall errettende Erlöser-Gott steht im Zentrum, sondern der Schöpfer-Gott, welcher uns in unserem Geschöpfsein nahe ist auch abgesehen von der frohen Botschaft unserer Errettung in Christus.” (PETERS, 1990, p. 120).

<sup>35</sup> **Catecismo Maior**, p. 398.

<sup>36</sup> “Gott spendet uns die Gaben seines Schöpfersegens direkt und unmittelbar in, mit und unter den Larven seiner Kreaturen, weil er allein als der Schöpfer Herr über Leben und Tod ist. Die Geschöpfe sind wohl ‘cooperatores’, jedoch nicht ‘concreatores’, wie Luther dies zum ersten Artikel zeigt.” (PETERS, 1990, p. 121).

<sup>37</sup> “Im Lichte des ersten Gebotes strahlt hier. ... die Heilsoffenbarung hinein in das Urwissen der Menschheit um Gott.” (PETERS, 1990, p. 120).

para a *missio Dei*. Como autor da vida e criador de tudo e todos, que constitui a existência de todos os seres<sup>38</sup> e do ser humano *ex nihilo* pela força onipotente de sua palavra criadora<sup>39</sup>, seu propósito consiste em que a humanidade criada à sua imagem e dotada de racionalidade creia somente nele como Deus e viva num relacionamento pessoal com ele, pois foi para isso que a criou. A missão do Deus triúno está transversalmente marcada pelo amor ardente do criador em favor de suas criaturas. É isso que ensinam, para Lutero, os mandamentos da primeira tábua (1º ao 3º) do Decálogo, especialmente o 1º mandamento<sup>40</sup>: “o sentido desse mandamento é exigir fé genuína e confiança de coração, que vai certamente ao verdadeiro e único Deus e se apega exclusivamente a ele”<sup>41</sup>. Além disso, o *propósito* de Deus – e que por isso também se constituirá no propósito último da *missio Dei* enquanto restauração escatológica da criação mais tarde – é que, a partir do relacionamento com ele – que representa a constituição do ser e o fundamento da existência humana e de todos os seres –, as pessoas que ele criou e cuja vida mantém dentro do cosmo criado, estructurem todas as demais dimensões de sua vida, como a vida em família, na economia e no estado, a proteção e promoção à vida, o matrimônio, e todo o lidar dos bens e posses desse mundo (4º ao 10º mandamentos)<sup>42</sup>. “[O] primeiro mandamento é a cabeceira e fonte que flui através dos demais, e ... por outro lado, todos a ele se referem e dele dependem, de modo que fim e princípio estão de todo unidos e ligados entre si”<sup>43</sup>. Por revelarem a

<sup>38</sup> Cf. BAYER, Oswald. Criação: instituição e conservação da comunhão. In: BAYER, 2007, p. 69ss, esp. o tópico 1. *Sem palavra não há mundo*.

<sup>39</sup> Sobre lugar e função de Êx 20.2 e do 1º mandamento dentro da sistemática dos Catecismo de Lutero, cf. p. ex. BAYER, Oswald. Cada pessoa é um teólogo: a compreensão que Lutero tem da teologia. In: BAYER, 2007, p. 13-14; “‘Eu sou o Senhor, teu Deus!’ (Êx 20.2). É a partir dessa alocação e promessa que Lutero entende a fé – e não suponhamos, o inverso: a partir da fé, a palavra de alocação. Pois, nesse caso, a palavra de Deus seria apenas a expressão de nossa atual disposição religiosa. Não, na sistemática do Catecismo é decisivo, para Lutero, que o Credo siga o Decálogo, que ele seja posposto e apostado a seu preâmbulo evangélico! ... Eu sou aquele que deve unicamente a essa palavra a sua criação. É assim que aconteceu e acontece a constituição do sujeito” (p. 13).

<sup>40</sup> Cf. *Catecismo Maior*, p. 394-402.

<sup>41</sup> *Catecismo Maior*, p. 395.

<sup>42</sup> Em outro lugar, Lutero vai afirmar que o ser humano foi chamado para existir dentro de uma ordem de mundo constituída por *ecclesia, oeconomia et politia* – cf. BAYER, Oswald. A ordem no mundo: igreja, economia, Estado. In: BAYER, 2007, p. 87-110.

<sup>43</sup> *Catecismo Maior*, p. 446.

vontade e o propósito de Deus para a vida e a felicidade do ser humano, os dez mandamentos são vistos por Lutero como uma grande dádiva dada por Deus a todas as pessoas, indistintamente.

Temos, pois, os Dez Mandamentos, modelo de doutrina divina para o que devemos fazer, a fim de que toda a nossa vida agrade a Deus, e a verdadeira fonte e canal de que deve manar e por que deve fluir tudo quanto quer ser boa obra. Fora dos Dez Mandamentos, por conseguinte, nenhuma obra e conduta pode ser boa e agradável a Deus, por grande e preciosa que seja aos olhos do mundo.<sup>44</sup>

Tanto a autoapresentação de Deus através de toda a criação, quanto os mandamentos enquanto revelação especial de sua vontade são válidos para todos os seres humanos de todas as épocas e de todos os lugares – i. é, possuem *validade e reivindicação universais*, expressando seu senhorio como Deus criador, senhor e juiz sobre todas as suas criaturas no horizonte do tempo e do espaço concreto da história. Revelam o amor, os propósitos e as exigências de Deus como criador e mantenedor, e apontam para as coordenadas criadas por ele para que a existência e a cultura humanas se desenvolvam de forma feliz e plena de sentido, mas que também servirão de critério do criador para julgar como juiz suas criaturas humanas, pois cada pessoa, na distinção de homem e mulher (Gn 1.26-28) foi criado no princípio como um ser livre e responsável perante Deus, que terá que prestar contas perante seu criador e mantenedor da vida. De forma sempre pessoal e existencial, Lutero o pontua teologicamente como *lei*: “Atenta, porém, no que Deus quer de ti e mui decididamente exigirá. Se te omites aqui, tens um juiz irado, e, em caso contrário, um pai gracioso”<sup>45</sup>. Os mandamentos da primeira tábua do Decálogo são exigência! Exigem a fé exclusiva e verdadeira no Deus verdadeiro, o temor e o amor primeiramente a Deus, e depois ao próximo. Ao dar os Dez Mandamentos, é Deus mesmo quem se revela em sua ira e em sua graça:

Aprende, pois, dessas palavras o quanto Deus está irado contra os que confiam em qualquer coisa fora dele. E inversamente, quão bondoso e gracioso é para com aqueles que confiam e creem de todo coração somente nele. ... Por isso quer ser temido, e não desprezado.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> **Catecismo Maior**, p. 443.

<sup>45</sup> **Catecismo Maior**, p. 446.

<sup>46</sup> **Catecismo Maior**, p. 399.

Os Dez Mandamentos requerem a *obediência da fé* da pessoa toda e de todas as pessoas a Deus<sup>47</sup>, em todas as dimensões da sua vida, e deixam claro que esse é o caminho da felicidade tanto para o indivíduo, quanto para o desenvolvimento da vida em família e da cultura humana em seu todo.

Deus não quer tolerar nenhuma presunção e nenhuma confiança em qualquer outra coisa, e não exige de nós coisa maior do que uma confiança cordial que dele espera todo o bem, por forma que sigamos o nosso caminho reta e diretamente e usemos de todos os bens que Deus nos dá ... apenas para necessidade temporária.<sup>48</sup> Os mandamentos são “o maior dos tesouros que Deus nos deu.”<sup>49</sup>

Eles contêm ameaça e juízo, sim, mas são acima de tudo um convite divino para que as pessoas se apeguem em fé nas dádivas e promessas (*promissio*) que Deus faz:

[P]or mais terríveis que sejam essas palavras de ameaça, muito mais poderoso é o consolo existente na promessa de que os que se apegam exclusivamente a Deus podem estar certos de que ele quer mostrar-se misericordioso para com eles, isto é, demonstrar puramente coisas boas e benefícios, não só a neles, mas também nos seus filhos, até mil e outra vez mil gerações.<sup>50</sup>

## 2.2 Criado para crer, mas escravo da idolatria e existindo sob a ira divina – Coordenadas bíblico-antropológicas da missiologia em tradição luterana

Para Lutero, o Decálogo enquanto expressão da vontade e da palavra de Deus revelada nas Escrituras Sagradas, precisa ser necessariamente pregado e ensinado publicamente, decorado e incutido nos corações. Já ao interpretar o primeiro mandamento<sup>51</sup>, Lutero afirma que justamente quando pessoas que foram

---

<sup>47</sup> “Assim entenderás com facilidade o que e quanto esse mandamento requer, a saber, o coração todo do homem e a confiança inteira, exclusivamente para Deus e mais ninguém. ... aderir-lhe com o coração outra coisa não é senão confiar inteiramente nele.” (*Catecismo Maior*, p. 396).

<sup>48</sup> *Catecismo Maior*, p. 401.

<sup>49</sup> *Catecismo Maior*, p. 447.

<sup>50</sup> *Catecismo Maior*, p. 400.

<sup>51</sup> Para uma interpretação detalhada da compreensão do 1º Mandamento por Lutero, veja PETERS, 1990, p. 9ss (Das erste Gebot).

criadas à imagem e semelhança de Deus ouvirem a pregação sobre o Decálogo e tentarem sinceramente cumprir os mandamentos e viver de acordo com as coordenadas reveladas e exigidas por Deus, perceberão que, a rigor, são incapazes de cumpri-los e de guarda-los. Ficará evidente que, por alguma razão, de fato e de verdade, possuem outros deuses, invocam outras forças, confiam em si próprias – resumindo, desobedecem tragicamente a todos os mandamentos. Tal pregação irá cedo mostrar que depositam sua fé e confiança em várias outras instâncias, deuses e poderes, e que no fundo não possuem e nem têm de si próprias as condições de possuir a fé verdadeira no Deus verdadeiro, pois isso não lhes é mais natural. Para Lutero, sempre que confrontados com a mensagem do Decálogo, é característico da realidade dos seres humanos que se percebem a si mesmos como seres naturalmente religiosos, sim, que criam suas próprias religiões, cultos, divindades, ídolos, fetiches e uma multidão de coisas que “endeusam”<sup>52</sup>. Possuem uma espécie de fé ou religiosidade ou espiritualidade natural<sup>53</sup>, sim, mas – por outro lado – essa fé ou religiosidade que desenvolvem naturalmente nunca é a fé verdadeira no Deus verdadeiro, e sim, uma fé falsa, idolátrica. Para Lutero, é fundamental perceber que entre a fé ou a religiosidade natural de toda pessoa humana e a fé verdadeira no Deus verdadeiro não impera uma mera diferença *quantitativa*, mas sim, uma diferença *qualitativa*<sup>54</sup>. Quem confia nos ídolos, no dinheiro, no prazer, na honra, em qualquer uma das incontáveis materializações dos ídolos, confia em suas próprias fantasias, confia no nada<sup>55</sup>. No confronto com os mandamentos de Deus, pessoas e povos começam a perceber que depositam sua confiança em uma infinidade de coisas, mas justamente não confiam exclusivamente no Deus que as

---

<sup>52</sup> Cf. PETERS, 1990, p. 110ss.

<sup>53</sup> Nesse sentido, Lutero resgata a clara noção patrística da igreja como ordem da criação – veja BAYER, 2007, p. 91s.

<sup>54</sup> Sobre os pressupostos de antropologia fundamental aqui implícitos, cf. a explicitação da compreensão da fé do ser humano em Lutero em BAYER, Oswald. O ser humano: imagem fiel de Deus. In: BAYER, 2007, p. 111ss, esp. o tópico: A natureza do ser humano na fé. Reflexões sobre as implicações da compreensão de Lutero também encontram-se em: SLENCZKA, Notger. Fides creatrix divinitatis: Zu einer These Luthers und zugleich zum Verhältnis von Theologie und Glaube. In: von LÜPKE, Johannes; THAIDIGSMANN, Edgar (Eds.). **Denkraum Katechismus**: Festgabe für Oswald Bayer zum 70. Geburtstag. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 171-195.

<sup>55</sup> “Por isso os gentios, efetivamente, transformam sua própria fantasia e sonho a respeito de Deus em ídolo e fiam no puro nada. É o que se dá com toda idolatria.” (**Catecismo Maior**, p. 397)

criou.

Fácil te será compreender e julgar ... como o mundo pratica apenas falso culto a Deus e idolatria. Porque jamais um povo foi tão ímpio, que não instituisse e observasse algum culto divino. Cada um erigiu em deus especial aquele de quem fiava coisas boas, ajuda e consolo.<sup>56</sup>

Para Lutero, o fenômeno da religiosidade ou da espiritualidade humana é universal, mas por causa da realidade do pecado, a religiosidade natural humana está totalmente corrompida e tornou-se trágica, fatídica e invariavelmente idolátrica. Em sua interpretação de cada um dos mandamentos, Lutero desmascara os ídolos de seu tempo e de seu contexto, contemplando não apenas as sociedades consideradas pagãs à época, mas as idolatrias da cristandade medieval em suas incontáveis e concretas facetas<sup>57</sup> – sendo que nisso a teologia do Reformador mostra afinidades e teve inclusive fortes recepções, por exemplo, em discursos contemporâneos em torno de uma igreja missional<sup>58</sup>. Para ele,

apenas o confiar e crer de coração faz tanto Deus como ídolo. Se é verdadeira a fé e a confiança, verdadeiro também é o teu Deus. Inversamente, onde a confiança é falsa e errônea, aí também não está o Deus verdadeiro. Fé e Deus não se podem divorciar. Aquilo, pois, a que prendes o teu coração e que te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus.” [...] “Por isso os gentios, efetivamente, transformam a própria fantasia e sonho a respeito de Deus em ídolo e fiam no puro nada. É o que se dá com toda idolatria.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> **Catecismo Maior**, p. 396.

<sup>57</sup> Cf. **Catecismo Maior**, p. 396-398, onde Lutero ilustra e contextualiza essa religiosidade natural da pessoa humana para o público de sua época. Ele começa com a idolatria dos gentios: “Fácil te será compreender e julgar ... como o mundo pratica apenas falso culto a deus e idolatria. Porque jamais um povo foi tão ímpio, que não instituisse e observasse algum culto divino. Cada um erigiu um deus especial aquele de quem fiava coisas boas, ajuda e consolo. Assim, por exemplo, aqueles gentios que punham sua confiança em poder e domínio erigiram o seu Júpiter em deus supremo; os outros, que aspiravam a riqueza, felicidade, prazer e dias bons, a Hércules, Mercúrio, Vênus ou outros; as mulheres grávidas a Diana ou Luna, e assim por diante. Cada qual erigia em deus para si aquilo a que o atraía o coração” (p 396s). Lutero menciona também “outro culto falso” de seus dias, que “diz respeito apenas à consciência, quando essa procura ajuda, consolo e salvação em suas próprias obras e presume de forçar a deus a lhe abrir as portas do céu” (p. 397).

<sup>58</sup> Veja, p. ex. KELLER, 2014, p. 83ss.

<sup>59</sup> **Catecismo Maior**, p. 394s, 397.

Como se as pessoas estivessem diante de um espelho, o confronto com os Dez mandamentos lhes mostra que no fundo vivem de forma egoísta, para si próprias, e não estruturam a sua vida, sua família e sua cultura nem dentro do temor e do amor a Deus e nem dentro do amor ao próximo. Percebem que suas famílias e a cultura de seus povos não são construídos em cima dos valores propostos pelo criador, e sim, em cima das próprias ambições, projeções, anseios e utopias humanos. Em outras palavras, há uma teologia natural, e todo ser humano é, pelo simples fato de existir como ser humano, por natureza um teólogo, mas a realidade do pecado e da queda fazem com que essa teologia natural – e com ela a fé, a religiosidade e a espiritualidade naturais dos povos – esteja sob uma diagnose efetivamente negativa: ela está plenamente pervertida e é idólatra<sup>60</sup>, e se constitui como incredulidade no Deus verdadeiro. Impera entre a humanidade caída, para o Reformador, uma profunda cegueira a respeito de sua verdadeira *conditio humana* diante dele, fazendo com que, efetivamente, usufruam da existência e de todos bens dados pelo criador e mantenedor da vida, sem reconhecer sua origem no Deus verdadeiro, sem agradecer a ele e sem crer nele.

É assim que procede o infeliz e pervertido mundo, que está afogado em sua cegueira e mal-usa todos os bens e dons de Deus unicamente para a sua soberba, avareza, prazer e diversão, sem atentar uma vez sequer em Deus, para agradecer-lhe e reconhece-lo como Senhor e Criador.<sup>61</sup>

Ou seja, a fé verdadeira no Deus verdadeiro seria o cumprimento da 1ª tábuas do Decálogo, e a condição de possibilidade para viver no amor verdadeiro, que cumpre os mandamentos da 2ª tábuas do Decálogo. Ao ouvirem e tomarem conhecimento dos mandamentos, percebem, no entanto, que justamente por não cumprirem os mandamentos da 1ª tábuas (relativos à fé em Deus), também fracassam na estruturação de todas as demais áreas de sua vida, e descumprem os mandamentos da 2ª tábuas (relativos ao amor ao próximo nas estruturas do mundo).

---

<sup>60</sup> Cf. BAYER, Oswald. Cada pessoa é um teólogo: a compreensão que Lutero tem da teologia. In: BAYER, 2007, p. 13-16. “Se for válido ‘que somos as criaturas com as quais Deus quer falar eterna e infinitamente, seja em ira, seja na graça’ [assim Lutero], então cada ser humano vive em meditação: ocupando-se com a palavra de Deus. Ou então, ele vive na *deturpação* dessa ocupação – *in statu corruptionis*; ele vive na ‘meditação’ deturpada, equivocada, que chama de Deus o que na verdade não é Deus.” (p. 16).

<sup>61</sup> **Catecismo Maior**, p. 449.

Os Dez Mandamentos são “tão elevados..., que ninguém pode alcançá-los por força humana”<sup>62</sup>. A fé verdadeira no Deus verdadeiro é, por conta do pecado, de fato, uma impossibilidade humana, e toda e qualquer forma de teologia natural resultante da revelação natural de Deus na criação (cf. Rm 1.18ss). E toda essa terrível realidade humana que o ensino e a pregação dos Dez mandamentos revelam às pessoas, Lutero chama de pecado e incredulidade<sup>63</sup>, que coloca as pessoas sob a ira daquele Deus que as criou e mantém.

Todas essas dimensões antropológicas fundamentais que despontaram acima, apresentando a realidade do ser humano em sua situação original de criatura de Deus, criada à sua imagem e semelhança, e em sua realidade fática sob o pecado e a ira de Deus, perfazem outro ponto de referência essencial para a compreensão da *missio Dei* e da missiologia em tradição luterana: salvação não é possibilidade humana; religiosidade – ou manifestações de fé ou de espiritualidade – natural não salvam; teologia natural não tem força redentiva (cf. Rm 1.18ss); o ser humano não possui uma espécie de *apriori religioso* como estrutura salvífica inata aberta à salvação, ao qual a pregação do evangelho precisasse apenas conectar como complemento. O *apriori religioso* que Lutero conhece está sob a marca da *criação caída*. Não há retorno natural ao mundo criado original após a queda. A hamartiologia do Reformador, em tradição agostiniana, é conhecidamente radical, e muitas das críticas que ele fez à teologia escolástica de seu tempo consistiu em apontar para os problemas da recepção da psicologia aristotélica com sua típica distinção entre *potentia* e *actus* (ou *habitus* – *actus*) para dentro da concepção da salvação, dentro de um esquema em que a *graça* de Deus apenas complementa disposições já contidas na *natureza* humana, resultando numa mistura indevida entre filosofia e teologia que diluía a hamartiologia bíblica, bem como gerando dentro do sistema medieval a *necessidade* das boas obras: a graça habitual precisava ser concretizada em sua vivência, a fé precisava necessariamente se materializar na boa obra do amor. Lutero detectou em vários teólogos medievais que o sistema medieval como um todo culminava na ênfase da salvação por obras. Fato é que, para Lutero, os elos originais que uniam positivamente o ser humano com Deus foram rompidos com a queda e o pecado – rompidos *qualitativamente*, e não meramente *quantitativamente*, sim, rompidos não só *materialmente*, mas

---

<sup>62</sup> **Catecismo Maior**, p. 444.

<sup>63</sup> Sobre o conceito luterano de pecado, cf. BAYER, Oswald. Pecado e vontade cativa. In: BAYER, 2007, p. 127-140.

também *formalmente*. Não há mais caminho de reconexão ao criador, partindo da criatura, que sem Deus e sem a fé nele, ao final, perecerá<sup>64</sup>. Redenção só é possível a partir da livre iniciativa de Deus, a partir do evangelho da graça revelada em Cristo e distribuída pelo Espírito Santo. Para Lutero, a natureza humana, embora criada, foi totalmente corrompida quanto às suas potencialidades salvíficas naturais, nisso revelando-se suas heranças teológicas tipicamente paulinas e agostinianas. Após a queda, o ser humano é imagem de Deus<sup>65</sup>, mas uma imagem corrompida – qualitativamente, não apenas quantitativamente, razão pela qual sua vontade é cativa em relação à salvação; e o livre arbítrio é incapaz de tomar a iniciativa em prol da salvação, por encontrar-se sob a marca do pecado. A pessoa toda em corpo, alma e espírito está sob o pecado. Não há mais nenhuma instância neutra e zona livre de pecado no ser humano<sup>66</sup>. O conceito luterano de *missio Dei* pressupõe, como seu pano de fundo teológico, a hamartiologia do Reformador. Tais percepções teológicas perfazem um pano de fundo e ponto de referência *imprescindível* justamente para a missiologia luterana atual, caso queira permanecer dentro das coordenadas teológicas do legado do Reformador<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> O primeiro mandamento “extirpou toda a idolatria, e, [...] todo culto falso, de tal sorte que quantos neles permanecerem terão de perecer afinal” (**Catecismo Maior**, p. 399).

<sup>65</sup> Sobre o tema *imago Dei* em Lutero, em perspectiva missiológica, cf. WETTER, 1999, p. 160s.

<sup>66</sup> Para uma interpretação detalhada do escrito de Lutero, *De servo arbitrio*, cf. SCHWAMBACH, Claus. Evangelização no horizonte da vontade cativa. Desafios da antropologia da reforma protestante. In: **Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira**. São Bento do Sul, vol. 16, n. 2, jul.-dez., 2008, p. 38-123.

<sup>67</sup> A temática aqui abordada implica numa crítica, a partir da teologia de Lutero, a concepções missiológicas que pressupõem um *a priori religioso* como estrutura salvífica ou parcialmente salvífica, a exemplo de concepções que se encontram na tradição de Friedrich D. E. Schleiermacher – em que o “sentimento de dependência do absoluto” (alem. “Gefühl schlechthinniger Abhängigkeit”) constitui tal *a priori religioso* –, na tradição de Paul Tillich – em que “aquilo que me toca incondicionalmente” (alem.: “Das, was mich unbedingt angeht”) constitui tal *a priori religioso*, ou na tradição católica romana da escola de Karl Rahner – em que o ser humano é visto em seu *a priori religioso* como um “ouvinte da palavra” (alem.: “Hörer des Wortes”). A provocação da teologia de Lutero às concepções que vislumbram estruturas (parcialmente) salvíficas no *a priori religioso* humano é que não consideraram o suficientemente a profundidade da ruptura do pecado. Articulam a transição do mundo originalmente criado para o mundo caído apenas de forma *relativa*, e não *absoluta*: o pecado como *ruptura apenas quantitativa*, e não *qualitativa*. Para as críticas, feitas a partir da teologia de Lutero, às concepções teológicas mencionadas, veja: BAYER, 1994 [Theologie], p. 185-279 (Tillich), p. 463-474 (Schleiermacher); PETERS, Albrecht. Zwischen Gottesmystik und Christuszeugnis. Zur Theologie K. Rahners (5.3.1904-30.3.1984). In: **Theologische**

### 2.3 O drama da *conditio humana* revelado na exigência de Deus – A compreensão teológica da *lei* como ponto de referência para a *missio Dei* e a missiologia

Para Lutero, o Decálogo revela o propósito amoroso de Deus criador para suas criaturas, feitas à sua imagem e semelhança, bem como sua boa vontade e desejo de promover vida abundante em todas as dimensões estruturais da existência humana. Mas ao *exigir* que as pessoas vivam conforme o Decálogo, o que se dá através da pregação e do anúncio da palavra de Deus na forma dos mandamentos, evidencia-se que isso é, no fundo, impossível, por causa da realidade do pecado. Por isso, Lutero entende os Dez mandamentos, seguindo o ensino bíblico, como sendo *lei* que precisa ser necessariamente pregada, anunciada, tornada conhecida universalmente como a revelação do Deus criador e de sua vontade para a felicidade humana. Eles são *lei*, isso é, exigem e mostram o que as pessoas *devem* fazer para viver dentro das coordenadas propostas pelo criador de tudo, mas por conta da realidade do pecado, infelizmente *não estão em condições* de capacitar a pessoa a cumpri-los por força própria.

Por isso, para Lutero, os Dez mandamentos enquanto lei cumprem dentro da história da salvação a função de mostrar que todos os seres humanos, criados por Deus para viverem com ele e estabelecerem a história da cultura e das sociedades humanas na comunhão com ele, vivem afastados do criador, em pecado, erram o alvo de suas vidas, perdem o sentido maior e profundo da vida, que é a comunhão com o Deus que os criou e ama. Ao revelarem a vontade de Deus, *revelam*, ao mesmo tempo, a verdadeira realidade dentro da qual os seres humanos estão aprisionados: *o pecado, o egoísmo, a desobediência, o interesse próprio e a descrença em Deus*<sup>68</sup>. O problema da lei é que ela, embora exija o cumprimento da boa, agradável e perfeita vontade de Deus, não dá à pessoa as condições de cumpri-la, pois o coração e a vida toda da pessoa estão corrompidos, não conseguindo cumpri-la sem interesses próprios – são até capazes de cumpri-la *externamente*, enquanto ato de obediência formal ou mero ato de justiça civil, mas não de cumpri-la *interiormente* e com a correta disposição do coração e da

---

**Rundschau.** Tübingen, vol. 51, n. 3, 1986, p. 269-314.

<sup>68</sup> Cf. BAYER, 2007, p. 127-131 (A desnaturação do ser humano na incredulidade: o pecado).

pessoa toda, como Deus o exige: de todo coração, alma e entendimento, enquanto ato de uma justiça baseada num relacionamento de fé e confiança em Deus. A lei é uma exigência externa, que não tem força para mudar o coração e o interior da pessoa – e esse é seu fracasso. Lutero deixa claro que o drama da existência humana reside em que a humanidade tornou-se escrava do próprio pecado e de suas culpas, vive dentro de um mundo regido por pessoas pecadoras e esquemas humanos corruptos, e possui sua vida sob a influência maléfica e destruidora de toda uma constelação de poderes das trevas e do mal, que ele identifica com uma realidade transumana que as Escrituras chamam de Satanás ou diabo<sup>69</sup>.

[D]epois que havíamos sido criados e tínhamos recebido toda sorte de bens de Deus Pai, veio o diabo e nos levou à desobediência, ao pecado, à morte e a toda desgraça, de forma que jazíamos debaixo da ira e do desagrado de Deus, sentenciados a condenação eterna. Aí não havia conselho, nem auxílio, nem consolo[...].<sup>70</sup>

E essa é a razão pela qual os Dez mandamentos, que tão belamente revelam os propósitos de Deus para a felicidade humana, não podem ser, de modo algum, cumpridos. São *lei que sempre acusa*, sem nunca poder livrar nem salvar a pessoa dos poderes que a escravizam. São *lei como espelho*, que evidenciam a maldade das pessoas e atestam o dilema humano e a condição humana sob o pecado. Os Dez mandamentos, ao serem universalmente tornados conhecidos e pregados, revelam, na prática, por isso, a condição humana como condição de perdição, vida fútil e egoísta, autocentrada, desprovida de um sentido maior. A rigor, a interpretação de Lutero possui caráter existencial, e é um convite ao autoesquadrinhamento: “Inquire e esquadrinha o teu próprio coração miudamente. Descobrirás então se se apega ou não com Deus apenas”<sup>71</sup>. Cada um dos mandamentos revelará nuances diferenciadas das mil faces que a condição humana sob o pecado e o mal podem tomar sobre a face da terra, entre a vida e a morte de cada pessoa.

**Resumindo:** Dentro da *sistemática do Catecismo*, a mensagem do

---

<sup>69</sup> Sobre o pano de fundo da compreensão da ira de Deus, do mal e do diabo em Lutero, cf. BAYER, Oswald. A ira de Deus e o mal. In: BAYER, 2007, p. 141-154.

<sup>70</sup> *Catecismo Maior*, p. 450.

<sup>71</sup> *Catecismo Maior*, p. 398.

Decálogo<sup>72</sup> cumpre função histórico-salvífica ao confrontar a humanidade tanto com a autorevelação de Deus (cf. autoapresentação de Deus antes do primeiro mandamento na interpretação de Lutero), quanto com a revelação do pecado da pessoa toda e da humanidade toda, resgatando assim o sentido teológico da lei, que Lutero aprendeu de Paulo (Gl 3.24s). O Decálogo *perfaz um primeiro pano de fundo teológico imprescindível para entender a teologia da missão de Lutero*. Missiologia que está na tradição de Lutero *requer a clara pregação da palavra de Deus como lei*. O conceito luterano de *missio Dei* pressupõe a necessidade da pregação universal da palavra de Deus como lei. Pois a missão do Deus triúno (*missio Dei*) consistirá justamente em resgatar sua criatura amada, mas tragicamente caída, dessa condição humana de perdição e condenação sob a ira de Deus. E a pregação da lei é necessária para que a real situação do ser humano seja revelada em sua tragicidade irremediável.

#### **2.4 Credo e Pai Nosso como anúncio do evangelho e conteúdo – como *proprium* – da *missio Dei* em perspectiva luterana**

No exato ponto de transição de sua interpretação do Decálogo para a sua interpretação do Credo e do Pai Nosso, Lutero – que sempre de novo estabelece conexões muito claras e explícitas entre as partes do Catecismo, deixando pistas sobre sua sistemática do Catecismo – ensina *como se deve fazer a conexão entre o ensino dos Dez Mandamentos, do Credo e do Pai Nosso*:

homem nenhum pode chegar a cumprir, da maneira devida, um só que seja dos Dez Mandamentos. É preciso, antes, [...] que venham em auxílio tanto o Credo como o Pai Nosso, mediante os quais se pode procurar, pedir e recebe-lo sem cessar.<sup>73</sup>

Se a proclamação universal dos Dez Mandamentos como *lei* é usada por Deus para *revelar* o dilema e a condição humana sob a realidade da incredulidade e do pecado contra Deus e o próximo, o Credo e o Pai Nosso contêm, conforme Lutero, os ensinamentos que apontam para a solução de Deus para a humanidade. “[V]isto os Dez Mandamentos haverem exposto que não se deve ter mais de

---

<sup>72</sup> Cf. BAYER, 1994, p. 111ss; PETERS, 1990, p. 44-49.

<sup>73</sup> *Catecismo Maior*, p. 444.

um Deus, a gente poderia perguntar agora: ‘Que espécie de ser é Deus? Que faz ele? Como se pode louvá-lo ou representá-lo e descrevê-lo, de modo que seja conhecido?’<sup>74</sup>. Se a lei e a exigência não salvam, só condenam e revelam o dilema da condição humana perante Deus, em contrapartida é tão somente a fé e a confiança verdadeiros no Deus que se revelou como Pai, Filho e Espírito Santo que podem apontar para a salvação.

Até aqui ouvimos a primeira parte da doutrina cristã, e nela vimos tudo quanto Deus quer que façamos ou deixemos de fazer. Com razão segue agora a isso o Credo, que nos apresenta tudo o que devemos esperar e receber de Deus, e ... nos ensina a conhecê-lo plenamente. Isso nos deve servir, exatamente, para que possamos fazer aquilo que, segundo os Dez Mandamentos, nos cumpre fazer. Porque os mandamentos ... situam-se em posição tão elevada, que a força de todos os homens é demasiadamente diminuta e frágil para cumpri-los.<sup>75</sup>

Por isso, aprender o Credo é sumamente necessário, pois ele sintetiza o que Deus revelou a seu próprio respeito e que caminhos ele trilhou para viabilizar novamente à humanidade perdida que reencontre o caminho da comunhão com ele e o da felicidade por ele originalmente pretendida. O aprendizado do Credo permite descobrir “como alcançá-lo, de onde e por que se possa receber tal força [que possibilite viver de acordo com os mandamentos]”<sup>76</sup>. O Credo mostra como é possível cumprir o 1º Mandamento, isto é, chegar à fé verdadeira no Deus verdadeiro, e, através disso, viver de acordo com todos os demais mandamentos, dentro dos propósitos de Deus. O “Credo outra coisa não é senão resposta e confissão dos cristãos fundamentadas no primeiro mandamento”<sup>77</sup>. Lutero entende, nesse sentido, que o *Credo* e logo em seguida o *Pai Nosso* fazem, ambos, parte do que ele chama de *evangelho*, que por sua vez somente pode ser entendido como evangelho sob o transfundo de sua clara distinção da *lei*, razão pela qual ele não os separa, antes os conecta com sua interpretação do Decálogo. Ou seja, para ele, sem a *lei*, a *ira* e o *juízo divinos* como transfundo, o evangelho se torna abstrato como mensagem do amor e da graça de Deus, razão pela qual a missiologia em tradição luterana não poderá abrir mão de articular a *missio Dei* dentro das coordenadas

---

<sup>74</sup> *Catecismo Maior*, p. 448.

<sup>75</sup> *Catecismo Maior*, p. 447.

<sup>76</sup> *Catecismo Maior*, p. 447.

<sup>77</sup> *Catecismo Maior*, p. 448.

teológicas da proclamação e da distinção vital entre *lei e evangelho, ira e amor, juízo e graça*, sob risco de arrancá-la do *Sitz im Leben* bíblico-teológico em que o Reformador a formulou, e assim, deturpá-la.

## **2.5 Os três artigos do Credo como síntese do evangelho e da *missio Dei* em suas múltiplas mediações materiais no horizonte da criação e da redenção**

Na **segunda parte dos Catecismos**, Lutero interpreta o *Credo*, que descreve em seus três artigos como Deus foi se revelando na história, como um Deus triúno e o que tudo ele fez, faz e quer fazer por suas criaturas, sim, *quais dádivas ele lhes já deu, dá e quer continuamente dar*. Lutero o faz na tradição dos credos ecumênicos, a exemplo do Credo Niceno-Constantinopolitano: “Um só Deus e uma só fé, porém três pessoas, e por isso também três artigos ou confissões”<sup>78</sup>.

### **2.5.1 Sobre a bondade criadora e mantenedora de Deus, que a todas criaturas alcança e “aquece” – O 1º artigo do Credo em sua (re)conexão com o Decálogo**

Sejam destacados aqui os seguintes aspectos:

#### **2.5.1.1 Deus criador e mantenedor como fonte eterna de pura bondade – O potencial missionário da percepção do mundo sob a lei e sob o evangelho**

O **1º artigo do Credo** ensina como Deus se revelou como o criador de tudo no princípio, e que, para poder livrar sua criação e a humanidade do pecado, continua também após a queda mantendo sua existência em todos os sentidos da palavra:

Creio que sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu, e sem cessar conserva, corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência, etc.; comida e bebida, vestimenta, alimento, mulher e filhos, empregados, casa e lar, etc. Além disso, põe todas as criaturas a serviço de nosso proveito e das necessidades de nossa vida: o sol, a lua e as estrelas no céu, o dia e a noite, o ar, o fogo, a água, a terra e tudo quanto ela carrega e pode produzir: aves, peixes, animais, cereais e toda sorte de plantas, e os

---

<sup>78</sup> **Catecismo Maior**, p. 447.

restantes bens corporais e temporais: bom governo, paz, segurança.<sup>79</sup>

A palavra chave aqui é “deu, e sem cessar, conserva”! A vida no mundo tem para Lutero o caráter de dádiva divina<sup>80</sup>. Enquanto que o mundo fala uma linguagem difusa e profusa para a pessoa que ainda não crê, não podendo esta perceber ou entender o sentido das coisas boas ou ruins que experimenta em sua existência no mundo, de modo que o mundo é experimentado como *lei*, diferentes são as coisas para Lutero quando uma pessoa chega à fé. Na verdade, como já se percebeu na interpretação que Lutero fez do 1º Mandamento, Deus se autoapresenta através de toda criação, que ele entende em amplitude cósmica como uma alocação divina. Uma é a estética e a percepção de mundo sob a *lei* (ótica do Decálogo), outra é a nova estética e a nova percepção de mundo sob o *evangelho*, quando a pessoa crê (ótica própria do Credo), sendo ambas óticas, a rigor, relevantes sob o ponto de vista missiológico. Aqui no Credo, Lutero retoma a lógica do preâmbulo do Decálogo, que ele já havia desenvolvido na interpretação do 1º Mandamento. Toda criação é, para ele, um gigantesco evento da autoapresentação de Deus às suas criaturas através de suas criaturas, de modo que ele lida simultaneamente *com* elas – permanecendo criador e distinto delas – e *através* delas – permanecendo próximo e presente junto a elas. Trata-se de uma *presença criadora e mantenedora de Deus no mundo*, que precisa ser *distinta* da *presença redentora de Deus no mundo*, como se desenvolverá na sequência. Tal distinção terá que necessariamente encontrar eco no conceito de missão de Lutero, pois na medida em que tal distinção entre presença criadora e presença redentora não for articulada, o significado do que é missão se perverte em sua compreensão reformatória.

### **2.5.1.2 A importante distinção reformatória entre a bondade criadora/mantenedora e a bondade redentora de Deus**

A pesquisa de Lutero tem chamado atenção para o fato de que tanto aqui na interpretação do 1º artigo do Credo como já anteriormente, na interpretação do 1º Mandamento, motivado pela relação que existe entre o preâmbulo do Decálogo (evangelho: “eu sou o Senhor, teu Deus, que te livrou da terra do Egito” – Ex. 20.1)

---

<sup>79</sup> **Catecismo Maior**, p. 448.

<sup>80</sup> Para a interpretação detalhada, cf. PETERS, 1991, p. 71-77.

e os mandamentos do Decálogo propriamente ditos (lei e exigência), conforme já exposto acima, Lutero também *imbricou teologicamente a sua compreensão de justificação e da santa ceia com sua teologia da criação, destacando o caráter de dádiva incondicional da totalidade da criação e articulando sua distinção entre lei e evangelho*: assim como Deus se entrega redentoramente ao ser humano através dos elementos materiais da santa ceia (pão e vinho), ele também já se entregou a si mesmo como criador às suas criaturas através da mediação das próprias criaturas, ao criar e manter diariamente e continuamente tudo e todos. Assim sua teologia da criação, expressa de forma comprimida em sua interpretação do 1º artigo do Credo, é articulada na perspectiva de um evangelho da bondade criadora e mantenedora de Deus, que a rigor alcança todas as criaturas através das criaturas, fazendo com que todas as coisas do cotidiano e da experiência no mundo sejam incluídas na perspectiva do relacionamento com Deus<sup>81</sup>. Lutero formulou sua visão dessa imbricação de perspectivas teológicas magistralmente em seu escrito de 1528 sobre a santa ceia:

Deus está realmente *junto* a todas as criaturas e *em* todas – “mais profundamente, mais interiormente e mais presentemente nelas do que elas próprias em si”; mas ele não se deixa pegar nelas. Por isso existe uma diferença entre “sua presença e teu pegar”. É uma outra coisa, ,se Deus está aí e se ele está aí para ti. Para ti ele apenas estará lá, se ele acrescentar a sua palavra e se amarrar a ela e te dizer: aqui tu deves me achar. Se tu, portanto, tens a palavra, então tu poderás agarrá-lo e tê-lo com toda certeza e também dizer: aqui eu te tenho. Jesus Cristo mesmo, no qual criador e criatura são um só, tu “não vais alcançar, mesmo que ele esteja em teu pão, a menos que ele se amarre a ti e te chame para uma mesa especial através de sua palavra, e interprete para ti pessoalmente o pão por meio de sua palavra, para que tu o comas, o que ele também faz na santa ceia e fala: Este é o meu corpo[...]”<sup>82</sup>

Obviamente esse âmbito da criação, que precisa ser distinto do da redenção, não é só espaço da presença da bondade de Deus em sua graça, mas

<sup>81</sup> A mais completa abordagem acadêmica da interpretação do Credo nos Catecismos por Lutero é de PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Bd. 2. Der Glaube – *Das Apostolikum*. Hrsg. V. Gottfried Seebass. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p. 56 em diante.

<sup>82</sup> Citado em BAYER, Oswald. **Schöpfung als Anrede**. Zu einer Hermeneutik der Schöpfung. 2. ed. ampl. Tübingen: J. C. B. Mohr 1990, p. 30; citados são WA 23,137,33; 150,4; 150,13-17 e 150,29-32 – *Daß diese Worte Christi ‘Das ist mein Leben’ noch fest stehen*, 1527. Cf. também: BAYER, 1971, p. 262, espec. nota nr. 67.

também do seu juízo, igualmente materialmente mediado<sup>83</sup>. Trata-se da experiência que Lutero denomina de experiência da ira de Deus, do mal, do *deus abscondito*<sup>84</sup>.

No 1º artigo do Credo, criação e manutenção de todas as coisas são fundidos e apresentados como obra da infinita bondade de Deus, o criador – criação é evento sempre presente para o Reformador, que me alcança a mim<sup>85</sup> em meio às demais criaturas a cada instante:

Deus Pai não nos deu apenas tudo o que possuímos e temos diante dos olhos, mas ainda nos preserva e defende, diariamente, de todo mal e infortúnio, e desvia toda sorte de perigos e desastres. E tudo isso unicamente por amor e bondade, imerecidos por nós, como Pai amoroso, que cuida de nós, para que nenhum dano nos sobrevenha.<sup>86</sup>

### 2.5.1.3 A bondade criadora e mantenedora de Deus como aquecimento do coração e sua relevância missiológica

Ao finalizar sua explanação sobre o 1º artigo do Credo, há um detalhe que requer atenção. Lutero afirma que o reconhecimento de Deus como “quem nos dá e faz tudo isso” é algo que “aqueceria o coração e o estimularia a ser grato e a fazer uso de todos esses bens para honra e louvor de Deus”<sup>87</sup>. Ou seja, para quem já crê e confessa o criador, esse já descobriu o evangelho do cuidado de Deus através de todas as criaturas. Mas Lutero parece pressupor aqui nessa passagem também a experiência de quem ainda não crê com a criação, que até leva a um certo

---

<sup>83</sup> Todo o complexo temático que aqui se deixa apenas mencionar de forma breve, é detalhadamente interpretado por BAYER, Oswald, em seu artigo: Ich glaube, dass mich Gott geschaffen hat samt allen Kreaturen. Beispiel einer Katechismussystematik. In: BAYER, 1990, p. 80-107. A conexão constitutiva entre o Decálogo e o Credo nos Catecismos de Lutero é trabalhada no tópico *Dekalog und Credo: Schöpfungsglaube und Gotteszusage*” (p. 80-84).

<sup>84</sup> Para uma compreensão desses conceitos de Lutero, cf. BAYER, Oswald. A ira de Deus e o mal. In: BAYER, 2007, p. 141-153.

<sup>85</sup> Lutero faz uma recepção do Credo Apostólico a partir da perspectiva do “Pro me” – assim PETERS, 1991, p. 63s: “So trägt der Reformator das Pro nobis in den ersten Artikel ein. [...] Damit ist ein Zwiefaches gegeben: 1) Einerseits werden uns die Kreaturen zu Larven, unter denen sich uns Gott selber schenkt, und zu Werkzeugen, durch welche er uns erhält. [...] 2) Damit aber andererseits wagen wir es, uns selber als in das Zentrum alles Geschaffenen gesetzt anzusehen.”

<sup>86</sup> *Catecismo Maior*, p. 449.

<sup>87</sup> *Catecismo Maior*, p. 449.

reconhecimento da bondade de Deus. Tal reconhecimento contém para Lutero certa motivação para o cumprimento dos mandamentos e certa motivação ou estímulo para a fé, embora ainda *não* possibilite o cumprimento deles propriamente dito, nem auxilie a viver efetivamente dentro da gratidão, do serviço e da obediência a Deus exigidos pelos Dez Mandamentos<sup>88</sup>. Ou seja, *esse reconhecimento natural da bondade de Deus, num primeiro momento, ainda não faz da pessoa humana que reconhece a bondade da criação ou mesmo a presença de Deus (ou de um ser superior) automaticamente uma pessoa cristã*, mas permanece uma espécie de anúncio da bondade ou graça criadora de Deus<sup>89</sup>, que clama por uma resposta de fé mais específica que, a rigor, o ser humano caído ainda não está em condições de, por si mesmo, dar<sup>90</sup>. As boas dádivas da criação e todo o cuidado de Deus mantendo a vida podem até servir de motivação para a fé, mas não conseguem, por si, à parte do anúncio específico do evangelho, *operar* tal fé e tal obediência<sup>91</sup>. A *relevância missiológica* desse aspecto reside em que todo o agir de Deus como criador, em especial as dimensões da proximidade bondosa e cuidadora de Deus através de todas as demais criaturas, pode tornar-se em preâmbulo do evangelho e anúncio da bondade de Deus, que “aquece o coração” das pessoas e reforça a mensagem da graça revelada em Cristo, até se tornar, então, a partir da fé em Cristo, numa *confissão de fé no criador*, tal qual preconiza esse 1º Artigo do Credo. Seja como

<sup>88</sup> BUCHHOLZ, [s.a.], p. 18, ao comentar essa frase, afirma: “damit [ist] zunächst nur die Motivation zur Erfüllung des Gebotes, nicht aber schon die Erfüllung selbst gegeben. [...] die Aufzählung dessen, wa mir ‘ohn alle mein Verdients und Wirdigkeit’ geschenkt werde, [...] [endet] mit der Erkenntnis, nicht aber dem Vollzug des geschuldenen Dankes, Dienstes und Gehorsams”; “So ist der erste Artikel grundlegend, der zweite aber entscheidend für den christlichen Glauben”.

<sup>89</sup> Sobre a criação como “texto” e “alocução” de Deus, sobre a distinção a imanência divina na criação na permanente distinção entre criador e criatura, veja BAYER, Oswald. Schöpfung als “Rede an die Kreatur durch die Kreatur”. Die Frage nach dem Schlüssel zum Buch der Natur und der Geschichte. In: BAYER, 1990, p. 9-32.

<sup>90</sup> Cf. WETTER, 1999, p. 162-164, onde o autor apresenta a compreensão que Lutero tinha sobre um conhecimento geral de Deus (alem.: “allgemeine Gotteserkenntnis”).

<sup>91</sup> Pano de fundo aqui é, novamente, a distinção entre teologia natural e revelação, ou entre revelação natural (cf. Rm 1.18ss) e revelação cristã. Toda a natureza criada como revelação natural é linguagem que é percebida por todos os seres humanos, mas não tem – por si – condições de mediar ainda a fé verdadeira. O cuidado e o reconhecimento de Deus como “meu” criador, que “me criou a mim juntamente com as outras criaturas” só se torna em *confissão de fé*, como preconiza o 1º Artigo do Credo, depois que a pessoa humana entrou em contato com o evangelho de Cristo e o agir do Espírito, como o ensinam o 2º e o 3º Artigos do Credo.

for, não só no ouvir da palavra concreta do evangelho de Jesus Cristo, mas já no contato com toda a realidade criada, a bondade criacionalmente mediada – i. é, a *estética* da existência em sua expressão material e amplitude cósmica – é um ardente convite do criador, que quer aquecer o coração e estimular para a fé<sup>92</sup>! E por outro lado, a rigor, *confissão da fé no criador* (1º Artigo do Credo) só é possível após alguém tê-lo experimentado *como redentor e santificador* (2º e 3º Artigos do Credo), o que por sua vez tem como *conditio sine qua non* a necessária proclamação da palavra de Deus em lei e evangelho, como ilustrado na dialética entre Decálogo (lei) e Credo e Pai Nosso (evangelho).

#### 2.5.1.4 A distinção entre dádivas *temporais* e dádivas *eternas* de Deus como quadro referencial trinitário constitutivo para a compreensão da natureza da *missio Dei*

A teologia de Lutero se articula em muitas *distinções* – e todas elas são *vitais*. Com a missiologia em tradição luterana não poderá ser diferente. No último parágrafo de sua explicação do 1º artigo do Credo no Catecismo Maior, Lutero praticamente interrompe sua abordagem de forma abrupta, e introduz a *distinção* do tipo de dádivas que Deus dá ao se revelar como Pai e criador, de um lado, e como Filho e Espírito Santo de outro lado, revelando a unidade e a amplitude trinitária do agir de Deus com suas criaturas e com o ser humano, na perspectiva existencial do *pro me*: “[A]qui vemos como o Pai se deu a nós, juntamente com todas as criaturas, e como nos provê de maneira mais rica nesta vida, além de nos cumular ainda com bens inefáveis e eternos, por intermédio de seu Filho e de seu Espírito Santo, conforme ouviremos”<sup>93</sup>.

As dádivas de Deus como criador são *temporais* e dizem respeito aos *bens temporais*, relativos a esse mundo passageiro. Já as dádivas que ele presenteia mediante o Filho e o Espírito Santo são *eternas*. Essa diferenciação é fundamental, pois mostra que é preciso distinguir entre a dimensão da *criação*,

---

<sup>92</sup> Podemos pensar aqui em At 17.28 (*nele vivemos, e nos movemos, e existimos*). Úteis são, nesse contexto, as reflexões missiológicas contemporâneas, focadas para os desafios missionários pós-modernos, de HEMPELMANN, Heinzpeter. **Gemeinde bauen in einer multireligiösen Gesellschaft: Apostelgeschichte 17 als Leitfaden für missionarisches Handeln**. Bad Liebenzell: VLM – Verlag der Liebenzeller Mission, 1998.

<sup>93</sup> **Catecismo Maior**, p. 450.

na qual as pessoas, apesar de estarem cercadas da bondade incomensurável de um Deus que se apresenta e se doa através de todas as suas criaturas, *ainda não encontram a salvação de sua condição humana sob o pecado*, mas apenas a manutenção de sua vida nesse mundo por Deus Pai, e a dimensão da *redenção*, abrangida pelo que Deus faz pelo Filho e o Espírito Santo para libertar do pecado, da morte e do inferno. É preciso distinguir: uma coisa é a *presença criadora e mantenedora de Deus* no mundo e na vida, que se dá através de todas as coisas criadas; e outra coisa é a *presença redentora de Deus* no mundo e na vida, que se dá pela obra de Jesus e do Espírito Santo. Essa distinção é fundamental para uma missiologia em perspectiva luterana, e precisa ser por ela sempre pressuposta, pois a distinção a preserva de cair tanto no extremo de um discurso acósmico e logocêntrico do amor de Deus, quanto no extremo de um discurso panteísta ou panenteísta do amor de Deus. Preserva a missiologia, ainda, tanto de uma *verticalização* unilateral – como se Deus só se preocupasse com a salvação da alma –, como de uma *horizontalização* unilateral do discurso missiológico – como se Deus só se preocupasse com o bem-estar humano, social, cultural ou ecológico de sua criação. Essa ênfase de Lutero também é avessa à qualquer *nivelamento* entre criação e redenção, ou entre história e escatologia, como se criação e história já contivessem graça em sentido soteriológico<sup>94</sup>. O anúncio do evangelho do amor

---

<sup>94</sup> Nesse sentido, a missiologia da Reforma está na contramão da teologia do processo conciliar, voltado para a justiça, a paz e o cuidado com a criação, em sua forte tendência de diluir e relativizar a distinção vital entre bens temporais e bens eternos de Deus. *Interessante aqui é a afirmação de Leslie Newbigin*: A “ação em favor da justiça e da paz nunca pode significar o total compromisso com um projeto particular inequivocamente identificado como a vontade de Deus. O conceito de *missio Dei* às vezes é interpretado de maneira a sugerir que a ação em favor da justiça e da paz [...] é o cumprimento da missão de Deus, e que as questões de batismo e membresia da igreja são marginais ou irrelevantes. Esse modo leva muito rapidamente à desilusão e muitas vezes ao desespero cético. Nenhum projeto humano, ainda que esplêndido, está livre do poder corruptor do pecado. Investir o verdadeiro compromisso em tais objetivos imediatos é acabar em desespero. [...] Em vários momentos e lugares, a lealdade à igreja foi identificada com algo que invocava a defesa do feudalismo contra o capitalismo, a defesa da aristocracia contra a democracia, a defesa do mercado livre contra o marxismo e o apoio de movimentos de libertação baseados numa análise marxista da situação humana. [...] Não é preciso um grande conhecimento da história para reconhecer que, com todos os seus graves pecados de concessão, covardia e apostasia, a igreja supera todos esses movimentos nos quais tanta fé apaixonada foi investida”. (NEWBIGIN, 2016, p. 181s). Tendências a tal nivelamento revelam-se no esquema católico-romano de natureza e graça, bem como nos textos missiológicos recentes do Conselho Mundial de Igrejas – CMI. Para a problemática aqui expressa a literatura é imensa, sendo que

e da bondade de Deus vivo e verdadeiro revelado na criação não se deixa articular de forma personalista e acósmica, nem espinosista (alusão a Baroque Espinosa) e pancósmica<sup>95</sup>.

### 2.5.2 A redenção conquistada por Jesus Cristo como fundamento último, núcleo central do evangelho e coração da *missio Dei* e da missiologia luterana

Para Lutero, o *2º artigo do Credo*<sup>96</sup> ensina que Deus enviou seu filho único, Jesus Cristo, para redimir e assim criar os fundamentos da salvação da humanidade perdida e de toda criação corrompida pelo mal. Lutero resume o seu ensino em “apenas uma palavra, nela abraçando toda a suma do artigo, a saber, [...] para aprender de que maneira fomos redimidos [...]: ‘Em Jesus Cristo, nosso SENHOR’”<sup>97</sup>. No que consiste, para Lutero, exatamente, a salvação que Deus viabilizou através do Filho? Ele o responde de forma narrativa e existencial, seguindo o fluxo da história da salvação<sup>98</sup>:

‘Creio que Jesus Cristo, verdadeiro filho de Deus, se tornou meu Senhor’. [...] [Isso] significa [...] que me redimiu do pecado, do diabo, da morte e de toda desgraça. Pois antes não tinha senhor nem rei, senão que estava cativo sob o poder do diabo, condenado à morte, enredado em pecado e cegueira. [...] Aí não havia conselho, nem auxílio, nem consolo, até que este Filho único e eterno de Deus, em sua insondável bondade, se compadeceu de nossa calamidade e miséria, e veio do céu a fim de socorrer-nos. [...] Jesus Cristo, Senhor da vida, da justiça, de todo o bem e ventura [...] nos arrancou a nós homens pobres e perdidos das fauces do inferno, nos conquistou, libertou e trouxe de volta à clemência e graça do Pai, e nos pôs, como propriedade sua, sob seu amparo e proteção, para governar-nos com sua justiça, sabedoria, poder, vida e bem-aventurança.<sup>99</sup>

---

remetemos aqui apenas a BAYERHAUS, Peter. *Er sandte sein Wort*. Theologia der christlichen Mission. Bd. 1: Die Bibel in der Mission. Wuppertal; Bad Liebenzell: Brockhaus; Verlag der Liebenzeller Mission, 1996; cf. em especial os capítulos 5 (Die Grundlagenkrise der Mission – eine Krise des Schriftverständnis, p. 165-196) e 6 (Die kontextuelle Relativierung der biblischen Autorität, p. 197-282).

<sup>95</sup> Cf. BAYER, 1990, p. 1-8 e p. 155-168.

<sup>96</sup> Para uma interpretação detalhada, cf. PETERS, 1991, p. 92-174.

<sup>97</sup> *Catecismo Maior*, p. 450.

<sup>98</sup> Para uma interpretação detalhada do 2º artigo do Credo conforme o Catecismo Maior, cf. BAYER, 2007, p. 166-171.

<sup>99</sup> *Catecismo Maior*, p. 450.

É no que Deus fez através do Filho que Deus revelou o que é a essência do evangelho: “o evangelho todo que pregamos repousa sobre a compreensão acertada desse artigo, do qual depende toda nossa salvação e bem-aventurança”<sup>100</sup>. Para Lutero, o 2º artigo apresenta o fundamento último da salvação, e apresenta o coração e o centro<sup>101</sup> de toda a mensagem dos Catecismos<sup>102</sup>. Ela tem em seu centro todas as dimensões da *redenção* operada por Cristo, o anúncio do que Deus fez *pro nobis* através da pessoa e da obra de Cristo, na encarnação e na morte expiatória e vicária realizada na cruz. *Redenção* é a síntese do que Cristo fez, sendo que o conceito é o elo de união de todos os demais aspectos que Lutero desenvolve em sua interpretação do 2º artigo do Credo<sup>103</sup>.

Jesus Cristo “se tornou homem, foi concebido e nasceu do Espírito Santo e da Virgem sem qualquer pecado, [...] além disso, sofreu, morreu e foi sepultado, para satisfazer por mim e pagar a dívida por mim contraída, não com prata nem com ouro, mas com seu próprio sangue precioso. E tudo isso para que se tornasse meu SENHOR”.<sup>104</sup>

No *Catecismo Menor*, Lutero conclui o 2º artigo afirmando que toda a obra de Cristo tem como finalidade “que eu lhe pertença e viva submisso a ele, em seu reino, e o sirva em eterna justiça, inocência e bem-aventurança, assim como ele ressuscitou da morte, vive e reina eternamente”<sup>105</sup>. Na teologia do Reformador

<sup>100</sup> *Catecismo Maior*, p. 451.

<sup>101</sup> Sobre o segundo artigo do Credo como núcleo central do Catecismo como um todo, cf. PETERS, 1990, p. 44: “Schon immer hat man in der Forschung unterstrichen: ‘Die eigentliche Mitte des Kleinen (wie des Grossen) Ketechismus ist das zweite Hauptstück mit den drei Artikeln des Glaubens. Hier wieder ist das Kern- und Herzstück der zweite Artikel mit den Aussagen über Christi Person und Werk’”.

<sup>102</sup> Nisso também reside o conteúdo central e propriamente dito da *missio Dei* e da perspectiva contemporânea da *igreja missional*, cf. p. ex.: KELLER, 2014, p. 72ss (centralidade da pregação do evangelho de Cristo como coração de uma igreja centrada e da missão na atualidade); NEWBIGIN, Leslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 139-154 (Cristo, a chave para a história).

<sup>103</sup> “Mas as partes que se seguem umas às outras neste artigo, outra coisa não fazem senão explicar e expressar essa redenção, como e por meio do que ela se realizou, isto é, o que lhe custou e o que empatou e deu para conquistar-nos e pôr-nos sob seu domínio [...]” (*Catecismo Maior*, p. 451).

<sup>104</sup> *Catecismo Maior*, p. 451. Sobre a expressão “meu Senhor” como partícula de apropriação e aplicação da salvação em Lutero, cf. PETERS, 1991, p. 111s.

<sup>105</sup> *Catecismo Menor* p. 361-384, aqui p. 371.

– e por isso também na missiologia luterana –, pessoa e obra de Jesus Cristo são o fundamento último e cabal da teologia da justificação do ímpio, sendo que Lutero articula essa ênfase na perspectiva da doutrina das duas naturezas de Cristo do Credo Niceno-Constantinopolitano e das decisões teológicas do Concílio de Calcedônia<sup>106</sup>. Para ele, cristologia e soteriologia, pessoa e obra de Cristo se fundem na pessoa do Deus-homem Jesus<sup>107</sup>: “O ser de Cristo é sua obra – a obra de Cristo é seu ser”<sup>108</sup>:

A doutrina das duas naturezas plenamente assumida pela igreja antiga não é para Lutero nenhuma especulação e contemplação ociosas das duas ‘naturezas’ fixas e duráveis em si mesmas. Antes, *como tal* ela já é soteriologia, doutrina da salvação. A doutrina das duas naturezas nada mais é do que fala e reflexão sobre a obra de Jesus Cristo, seu ministério, sua função: Jesus Cristo é verdadeiro Deus e ao mesmo tempo verdadeiro homem *porque* ‘me remiu a mim, homem perdido e condenado’. Ele não é por exemplo, primeiramente Deus e ser humano, uma entidade substancial ‘homem-Deus’, por assim dizer segundo o seu ser-sujeito ou ser-substância, que então secundariamente – pelo teor, pela lógica, pelo tempo ou como quer que seja – também atuou como redentor, de modo que a um ‘sujeito’ Jesus Cristo se pudesse apor o ‘predicado’ ‘Redentor’. Não, o seu ser é antes a sua obra; e a sua obra, o seu ser. Diferentemente de nós, ele é idêntico ao que faz.<sup>109</sup>

Lutero efetua, a rigor, uma recepção da cristologia da Igreja Antiga sob a perspectiva promissional do *por nós*, que é típica de sua própria teologia<sup>110</sup>. Para Lutero, é a trajetória de Cristo em sua humilhação e em sua glorificação como enviado do Pai (cf. o hino cristológico de Fp 2.5-11), passando pela

---

<sup>106</sup> “Creio que Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus, se tornou meu Senhor.” (**Catecismo Maior**, p. 450). Para a recepção dos símbolos da Igreja Antiga por Lutero cf. PETERS, 1991, p. 101ss; p. 106ss (doutrina das duas naturezas).

<sup>107</sup> Aqui caberia desenvolver toda a compreensão que Lutero tinha da *communicatio idiomatum*, do compartilhamento das propriedades e excentricidades das duas naturezas de Cristo; cf. BAYER, 2007, p. 169-171; para uma exposição detalhada, cf. BAYER, Oswald. *Das Wort ward Fleisch. Luthers Christologie als Lehre von der Idiomenkommunikation*. In: BAYER, Oswald. **Creator est creatura**. *Luthers Christologie als Lehre von der Idiomenkommunikation*. Berlin; New York: W. de Gruyter, 2007, p. 5-34.

<sup>108</sup> BAYER, 2007, p. 167.

<sup>109</sup> BAYER, 2007, p. 167.

<sup>110</sup> Cf. detalhes em PETERS, 1991, p. 116-122.

condescendência da encarnação e do nascimento virginal<sup>111</sup>, submetendo-se a paixão, morte e descida ao inferno<sup>112</sup>, ressurreição dos mortos, subida aos céus, e sentar-se à direita do Pai<sup>113</sup> – tudo *por nós* –, que faz com que Cristo se torne em justiça, sabedoria, poder e bem-aventurança para todo aquele que nele crê, tornando-se senhor e rei dessa pessoa (cf. 1 Co 6.11). Onde Cristo irrompe com sua obra, é o próprio Reino escatológico de Deus que destrói as forças das trevas e irrompe redentoramente na vida da pessoa e faz nascer a igreja no mundo. A redenção obtida por Cristo é compreendida por Lutero tanto como vitória de Cristo sobre os poderes das trevas (diabo, morte, pecado, cegueira<sup>114</sup> - cf. Cl 2.13-15), quanto como reconciliação com Deus fundamentada na morte expiatória e sacrificial em favor das pessoas (cf. 2 Co 5.18-21) e na ressurreição dos mortos (1 Co 15)<sup>115</sup>. Morte e ressurreição de Jesus Cristo são o evento singular ocorrido na história em que a redenção ocorreu concretamente *pro nobis*, sendo que “é enfatizada inconfundivelmente a singularidade não-mítica do que aconteceu ‘sub Pôncio Pilatos’”. A dimensão apocalíptica da vitória de Cristo sobre as forças das trevas, típica da visão de Lutero, não pode ser subestimada, pois em Cristo ocorre a irrupção da própria nova criação ou do novo éon, fazendo com que a presente criação se torne em *velha* criação. O fato de Cristo ser Senhor desde a eternidade e concretizar-se como acontecimento no tempo, faz o fim dos tempos

<sup>111</sup> Sobre a teologia luterana da encarnação e nascimento virginal: PETERS, 1991, p. 140-151.

<sup>112</sup> Sobre a compreensão que Lutero tinha da descida de Cristo ao inferno, sob o transfundo da tradição patristica e medieval, cf. PETERS, 1991, p. 151-157.

<sup>113</sup> Cf. detalhes em PETERS, 1991, p. 157-165.

<sup>114</sup> “Jesus Cristo, Senhor da vida, da justiça, de todo bem e ventura, [...] nos arrancou a nós homens pobres e perdidos das fauces do inferno, nos conquistou, libertou e nos trouxe de volta à clemência e graça do Pai [...]” (**Catecismo Maior**, p. 450). Através de sua morte e ressurreição, Cristo “tragou e devorou a morte, e por fim subiu ao céu e assumiu o domínio à destra do Pai, de sorte que o diabo e todos os poderes lhe têm de estar submissos e ficar debaixo dos seus pés, até que, afinal, no último dia, ele nos separe e aparte completamente do mundo malvado, do diabo, da morte, do pecado, etc.” (p. 451). Para uma interpretação detalhada, cf. PETERS, 1991, p. 122ss.

<sup>115</sup> “A suma desse artigo é, pois, que a palavrinha ‘senhor’ [...] significa tanto como Redentor, isto é, aquele que nos trouxe do diabo a Deus, da morte à vida, do pecado à justiça, e que nisso nos conserva” (**Catecismo Maior**, p. 450s). Para todas as complexas decisões e ênfases cristológicas contidas no texto de Lutero, sob o pano de fundo dos debates desde patristicos e medievais até os dias de Lutero, bem como sobre o significado desses enfoques para os intensos debates cristológicos da modernidade, cf. PETERS, 1991, p. 127-139.

irromper já no presente, e faz a eternidade irromper no tempo, de modo que tempo e eternidade convirjam em Cristo: “Deste modo, as habituais separações entre o ser eterno e o devir temporal são misturadas ou entrelaçadas, trançadas e cruzadas: agora nunca mais haverá eternidade sem tempo, nunca mais haverá tempo sem eternidade”<sup>116</sup>. Nesse sentido, todas essas *conexões e inter-relações teológicas dinâmicas entre cristologia, soteriologia, justificação, apocalíptica e escatologia, típicas da sistemática do Catecismo* que se verifica em Lutero, também *são e permanecem constitutivas para a missiologia protestante*, devendo necessariamente fazer parte do quadro teológico e criteriológico de referenciais, a partir do qual se compreende e se elabora um conceito de *missio Dei* coerente com a teologia de Lutero enquanto exposição da cristologia e da soteriologia das Escrituras Sagradas. Onde tais conexões dinâmicas não são observadas e nem articuladas, o discurso missiológico não só empobrece e se dilui – ele é deturpado em relação às suas referências na teologia bíblico-reformatória de Lutero.

De relevância fundamental para a compreensão do 2º artigo do Credo e também para a missiologia em tradição luterana, é perceber que na expressão “creio que Jesus Cristo [...] se tornou meu Senhor”<sup>117</sup>, o “‘creio’ tem objeto, que simultaneamente constitui seu fundamento; fé nunca é fé ‘absoluta’, mas sempre inteiramente relativa, [i. é] *referente* a seu fundamento e conteúdo”<sup>118</sup>. E na expressão “meu Senhor” – que foi extraída bíblicamente da expressão de Tomé em Jo 20.28, cf. Fp 2.11) –, em que Lutero chega ao ponto alto de toda sua explicação, evidencia-se tanto o *fundamento* quanto o *alvo* – o *objeto* – da fé: *Jesus Cristo*. E tal fé concreta em Cristo é o dom gratuito de Deus e cumprimento do 1º mandamento, pois por meio do Filho, Deus se nos dá totalmente como Pai no Espírito<sup>119</sup>.

### **2.5.3 A obra do Espírito Santo na distribuição da redenção obtida por Cristo através do anúncio da palavra e da criação da fé como concretização da *missio Dei***

---

<sup>116</sup> BAYER, 2007, p. 168.

<sup>117</sup> **Catecismo Maior**, p. 450.

<sup>118</sup> BAYER, 2007, p. 167.

<sup>119</sup> Sobre o conceito de fé, incluindo a distinção entre fé e obras, cf. BAYER, 2007, p. 205ss.

Conforme Lutero, o **3º artigo do Credo**<sup>120</sup> ensina como Pai e Filho enviaram o Espírito Santo, cuja obra é *santificar*, isso é, fazer com que a salvação e a redenção conquistadas por Jesus Cristo sejam anunciadas por todo lugar, e operar nas pessoas que ouvem o evangelho de Cristo a fé verdadeira no Deus verdadeiro, que cumpre o 1º mandamento e capacita a viver de acordo com todos eles, dando assim acesso ao perdão de pecados, inserindo na igreja cristã, e possibilitando a ressurreição dos mortos e a vida eterna. No contexto da explicação desse artigo, Lutero novamente faz uma distinção, que marca bem a diferença entre a obra de Cristo e a obra do Espírito Santo:

[N]em tu nem eu jamais poderíamos saber algo a respeito de Cristo ou crer nele e conseguir que seja nosso Senhor, se o Espírito não no-lo oferecesse e presentearse ao coração pela pregação do evangelho. A obra foi feita e está completada; pois Cristo nos obteve e conquistou o tesouro por sua paixão, morte, ressurreição, etc. Se, porém, a obra ficasse oculta, de forma que ninguém soubesse dela, seria vã e perdida. Ora, para que esse tesouro não ficasse sepulto, mas fosse aplicado e fruído, Deus enviou e fez proclamar a palavra, e nela nos deu o Espírito Santo, a fim de fazer-nos ver tal tesouro e redenção e torna-lo propriedade nossa. Santificar, por isso, outra coisa não é que conduzir ao SENHOR JESUS, para receber esse bem, ao qual não poderíamos chegar por nós mesmos.<sup>121</sup>

Há alguns aspectos relevantes para a missiologia, e que precisam ser ressaltados, conforme segue.

### **2.5.3.1 A distinção entre a conquista e a aplicação da salvação – cristologia e pneumatologia em sua imbricação missiológica**

No contexto da explicação do 3º Artigo do Credo, conforme aparece na citação acima, Lutero articula mais uma distinção, que é fundamental para compreender a relação entre cristologia e pneumatologia, que tem amplas implicações para a compreensão da *missio Dei*, e portanto, relevância missiológica. Essa distinção mostra que Jesus Cristo foi quem *conquistou* o tesouro da salvação e criou os fundamentos completos e cabais da mesma. Mas não faz parte da obra de Cristo a *aplicação* (ou *distribuição*, ou *atribuição*) desse tesouro, de maneira que ele chegue às pessoas individual e pessoalmente no tempo e no espaço concreto de

<sup>120</sup> Para uma interpretação detalhada, cf. PETERS, 1991, p. 175-250.

<sup>121</sup> **Catecismo Maior**, p. 452.

suas vidas, de modo que cheguem à fé em Cristo, e usufruam efetivamente do que Cristo fez – Lutero usa o termo *fruição*, em tradição agostiniano-patristica. Isso é a obra do Espírito Santo, a santificação<sup>122</sup>.

Mas como se realiza esse santificar? Resposta: assim como o Filho obtém o domínio, pelo qual nos conquista através de seu nascimento, morte, ressurreição, etc., da mesma forma o Espírito Santo efetua a santificação por intermédio das partes seguintes: a congregação dos santos ou igreja cristã, o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Isto é, primeiro nos conduz a sua santa congregação e nos põe no seio da igreja, pela qual nos prega e leva a Cristo.<sup>123</sup>

Aqui despontam alguns dos mais fundamentais elementos da *missio Dei* em tradição luterana, que a colocam também em diálogo com toda a discussão contemporânea em torno do conceito *missio Dei* e do conceito de uma *igreja missional*. O sujeito da *missio Dei* é o Deus triúno, Pai, Filho, Espírito Santo. Diferente da missiologia do séc. XVIII até parte do séc. XX, que enfatizavam o protagonismo da igreja e a missão prioritariamente como *ação* da igreja, dos cristãos ou de entidades missionárias, Lutero já afirmava claramente que o autor e o sujeito exclusivo da missão é Deus mesmo como Pai, Filho e Espírito Santo, sempre mantendo todo um conjunto de distinções vitais: distinção entre criação e redenção ou presença criadora e redentora de Deus no mundo, entre lei e evangelho, entre bens temporais e bens eternos, e entre a conquista da salvação por Cristo e a aplicação da salvação pelo Espírito Santo<sup>124</sup>. Fica evidente, também, que a igreja é um instrumento do Deus triúno na *missio Dei*, e dentro dela, os crentes<sup>125</sup>.

A igreja é um instrumento nas mãos de Deus para a missão. Não é porque existe a igreja que existe a missão. Pelo contrário. Por causa da missão, existe a igreja. Portanto, a missão é o DNA da igreja, é a identidade da igreja. Precisamos, portanto, fazer uma distinção entre missão e missões. Missão, no singular, sempre remete à *missio Dei* e permanece primordial. Missões são as atividades que desenvolvemos como igreja e como cristãos,

---

<sup>122</sup> Interpretação detalhada da obra do Espírito Santo no contexto do 3º artigo do Credo em Lutero: PETERS, 1991, p. 188-204.

<sup>123</sup> **Catecismo Maior**, p. 452.

<sup>124</sup> Provavelmente seja justamente na peculiaridade dessas distinções vitais que resida o aspecto *sui generis* do conceito tipicamente luterano de *missio Dei*, entre proximidades e distanciamentos de outras concepções de *missio Dei*.

<sup>125</sup> Esses aspectos já foram bastante explorados nas discussões recentes em torno do significado do conceito de *missio Dei* – veja a literatura da nota 21.

mas que não se confundem com a *missio Dei*. [...] Assim, a missão é, em última análise, a obra do Deus triúno, Criador, Redentor, Santificador por amor ao mundo. Missão não é lei, mas é privilégio. A missão tem sua origem no coração de Deus. A missão existe porque Deus ama as pessoas.<sup>126</sup>

Para Lutero, a eclesiologia está ancorada e é desenvolvida como uma das muitas dimensões da pneumatologia. A *communio sanctorum*<sup>127</sup> é resultado do agir do Deus triúno<sup>128</sup>, que alcança o indivíduo no tempo e no espaço de forma concreta e materialmente mediada pelo agir do Espírito Santo, que leva a pessoa a crer em Cristo e a confessá-lo como seu Senhor, e que, por fim, a leva a – em Cristo e pelo agir do Espírito – reconhecer que já sempre esteve cercada pela bondade e pelo cuidado do criador, no contato com todas as criaturas. Há uma indubitável dimensão ecumênica aqui, considerando que para Lutero há apenas uma santa igreja cristã e *communio sanctorum* sobre a face da terra – o que tem implicações para a missiologia: *a missão da igreja cristã no mundo é, na compreensão luterana, um mandato ecumênico*<sup>129</sup>. Na *missio Dei*, o caminho da revelação do Deus triúno tem sua origem no Pai, passa pela obra do Filho, e se torna realidade *fruível* através da obra do Espírito Santo. Já o caminho da redenção da igreja e da pessoa inicia com o agir do Espírito, que conduz a pessoa à fé em Jesus Cristo, que a leva a confessar o Pai como seu criador e senhor. Toda a vida e a ação, seja da igreja, ou seja dos crentes no contexto do sacerdócio real de todos os crentes<sup>130</sup>, é esboçada por Lutero como efeito concreto do agir do

---

<sup>126</sup> STANGE, 2017, p. 13. Veja também NEWBIGIN, 2016, p. 155-168 (A lógica da missão) e p. 169-184 (Missão: palavra, obra e novo ser).

<sup>127</sup> Sobre o conceito *communio sanctorum* no contexto do Catecismo Maior: PETERS, 1991, p. 215-220.

<sup>128</sup> Cf. **Catecismo Maior**, p. 453s.

<sup>129</sup> Lutero não pensa na igreja institucionalmente no sentido católico-romano, mas sim, como grandeza espiritual sociologicamente verificável, evitando também em sua eclesiologia os extremos do materialismo e do espiritualismo eclesiológico, bem como o do docetismo eclesiológico – para esses conceitos, cf. a análise das *notae ecclesiae* de Lutero em SCHWAMBACH, Claus. “Quo vadis ecclesia?” – A eclesiologia de Lutero e sua contribuição para o desafio da edificação de comunidades na Igreja Luterana no Brasil. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul, 2015, p. 76-164; SPEHR, Christopher. Uma igreja cristã comum a todos. A compreensão de igreja na perspectiva de Lutero. In: SCHWAMBACH; SPEHR, 2014, p. 165-188 (com ampla menção de literatura nas Referências).

<sup>130</sup> Lutero não desenvolve no Catecismo Maior sua compreensão do sacerdócio real de

Espírito Santo. E é nessa acepção que se pode afirmar que também Lutero vai articular o *testemunho missionário da igreja e dos cristãos como algo que faz parte da essência e da identidade da igreja e dos cristãos*. Nisso reside uma forte proximidade da teologia do Reformador com a teologia missional contemporânea:

Na sua melhor definição, “missional” descreve não uma *atividade* específica da igreja, mas a própria *essência e identidade* da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo.<sup>131</sup>

### 2.5.3.2 Comunhão em missão – Lugar e tarefa da igreja cristã no contexto da missiologia luterana

Nesse contexto de sua explicação da obra do Espírito Santo, percebe-se que Lutero imbrica a sua eclesiologia<sup>132</sup>, e de tal modo que fica perceptível o quanto ela é, também para o reformador, o que poderíamos denominar de *comunhão em missão* – termo que tem sido usado para descrever a igreja *missional* na atualidade. A igreja é o lugar onde as pessoas podem ouvir a palavra de Deus e ter acesso aos sacramentos (batismo e santa ceia) e demais meios da graça (*notae ecclesiae*), que são os meios audíveis e visíveis, materialmente mediados, que o Espírito Santo usa para conduzir pessoas à fé em Cristo, de modo que estejam tanto em comunhão com ele, quanto umas com as outras, caracterizando-a como o novo povo de Deus sobre a face da terra. Ela é uma comunhão dos que ouviram o evangelho e tiveram suas vidas reconstituídas, e por isso, também e ao mesmo tempo, uma comunhão em que o mesmo evangelho é testemunhado adiante, numa dinâmica interminável de receber e dar, de ouvir e falar, de acolher a fé e repartir a fé, onde tanto o “vinde” quanto o “ide” são contemplados em estupenda simultaneidade<sup>133</sup>. Da

---

todos os batizados e crentes. Em outros escritos, no entanto, ele torna tal compreensão frutífera para a atuação dos cristãos na sociedade e na igreja, cf. SPEHR, Christopher. Sacerdócio de todos os crentes e ministério eclesiástico em Lutero. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul, 2015, p. 49-75.

<sup>131</sup> Assim GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**. Luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 20; cf. NEWBIGIN, 2016; REPPENHAGEN, Martin. **Auf den Weg zu einer missionalen Kirche**. Die Diskussion um eine “missional church” in den USA. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2011.

<sup>132</sup> A eclesiologia do Catecismo Maior é abordada por PETERS, 1991, p. 212ss

<sup>133</sup> Sobre a igreja como cooperadora na missão de Deus no contexto do Catecismo Maior,

igreja como “santa congregação” Lutero afirma que o Espírito Santo “por ela nos busca e dela se serve”:

Eu também sou parte e membro dessa congregação, co-participante e co-desfrutante de todos os bens que possui. Pelo Espírito a ela fui levado e incorporado através do fato de haver ouvido e ainda ouvir a palavra de Deus, que é o princípio para nela se entrar. Pois antes de havermos chegado a essa congregação, pertencíamos totalmente ao diabo, como pessoas que nada sabiam de Deus e de Cristo. Assim, o Espírito Santo permanece com a santa congregação [...] até o dia derradeiro. Por ela nos busca e dela se serve para ensinar e pregar a palavra, mediante a qual realiza e aumenta a santificação, para que diariamente cresça e se fortaleça na fé e em seus frutos, que ele produz.<sup>134</sup>

Esse duplo movimento da igreja e dos cristãos individuais – do ser reunido em comunhão (estrutura do “vinde”) e do ser usado no mundo como comunhão (estrutura do “ide”) –, com toda a riqueza de nuances, que nem pode ser aqui explorada o suficiente, perfaz um dos mais importantes temas das discussões missiológicas contemporâneas, seja no horizonte de quem centra seu discurso no conceito de *missio Dei* ou de uma *igreja missional*. Nesse aspecto, há intensos pontos de convergência entre a estrutura missionária da teologia de Lutero e essas concepções contemporâneas, inclusive por conta da recepção da teologia de Lutero e dos reformadores na atualidade.

O termo ‘missional’, portanto, lembra a igreja de que ela deve estar orientada para o mundo e permanecer fiel à sua identidade como uma agente da missão de Deus e participante na história de Deus. Somente quando a igreja é uma encarnação fiel do reino como parte da cultura ao seu redor – mas em contraposição à sua idolatria – é que sua vida e suas palavras produzirão um testemunho atraente e convincente a favor das boas-novas de que em Jesus Cristo um novo mundo é chegado e está chegando.<sup>135</sup>

---

cf. PETERS, 1991, p. 230-240 (“Die Kirche als Mithelferin im Heilswerck Gottes am einzelnen”).

<sup>134</sup> **Catecismo Maior**, p. 454.

<sup>135</sup> GOHEEN, 2014, p. 21. Da vasta literatura, mencione-se apenas: NEWBIGIN, 2016 e REPPENHAGEN, 2011; KELLER, 2014; para uma breve e precisa introdução ao tema da igreja missional, veja: BUTZKE, Paulo. De onde vem essa conversa de “igreja missional”? In: **Revista Orientação**. São Bento do Sul, n. 7, jan.-jul., 2017, p. 7-10, bem como todas as demais contribuições desta edição da Revista Orientação, que está sob o tema “Igreja Missional”.

### 2.5.3.3 Comunhão em missão até a volta de Cristo – Horizontes escatológicos da eclesiologia e da missiologia luteranas

Onde a palavra é anunciada e os sacramentos ministrados de modo coerente com as instruções dadas por Cristo, pessoas encontram e continuarão sempre a encontrar e a crer no evangelho, que Lutero sintetiza no “perdão dos pecados”<sup>136</sup> – sendo que esse movimento tipicamente missionário da igreja se estende até a volta de Cristo e a ressurreição dos mortos. O Espírito Santo realiza sua obra de santificação ao longo dessa vida, até conduzir a pessoa à vida eterna, levando as pessoas ao destino final da eterna comunhão com o Deus triúno e fazendo com que a *missio Dei* chegue ao seu alvo derradeiro. Para Lutero, o tempo de proclamação do evangelho ao mundo se estende da primeira até a segunda vinda de Cristo - e esse é o tempo da missão. Cristãos unidos em Cristo na igreja são uma comunhão dinâmica em crescimento e em missão até o dia final, mesmo em meio às suas imperfeições, fragilidades e a despeito de sua pecaminosidade remanescente. Nesse sentido, é o crente enquanto simultaneamente justo e pecador, mas que vive já agora na certeza do triunfo da justiça de Deus em sua vida, que é o instrumento da missão de Deus nesse mundo:

por ora somos apenas parcialmente puros e santos. De sorte que o Espírito Santo sempre tem de trabalhar em nós mediante a palavra e cotidianamente conceder perdão, até aquela vida em que já não haverá remissão, mas homens inteiramente puros e santos, plenos de retidão e justiça, libertados e isentos do pecado, morte e toda desgraça, em novo corpo, imortal e transfigurado.<sup>137</sup>

Esse último aspecto é ressaltado por Lutero ao final da explanação do 3º artigo do Credo, onde ele estabelece algumas **conexões sobre como os vários artigos do Credo estão interligados**. O 3º artigo, do Espírito Santo, “sempre deve estar e permanecer em vigor. Porque a criação já é coisa feita. Também a redenção já está realizada. Mas o Espírito Santo leva avante sua obra sem cessar, até o último dia”<sup>138</sup>. A igreja é, para Lutero, instrumento da *missio Dei* e o lugar privilegiado no qual o Espírito Santo continua a realizar a sua obra de santificação,

---

<sup>136</sup> **Catecismo Maior**, p. 455.

<sup>137</sup> **Catecismo Maior**, p. 455.

<sup>138</sup> **Catecismo Maior**, p. 456.

até a obra de Deus estar completa no mundo: o Espírito Santo

institui na terra uma congregação, pela qual fala e faz tudo. Pois ainda não congregou toda a sua cristandade, nem distribuiu totalmente o perdão. Por isso cremos naquele que diariamente nos busca pela palavra, e que, pela mesma palavra, bem como pela remissão dos pecados, concede, multiplica e fortalece a fé, para finalmente, quando tudo estiver completado, e nós permanecermos nisso, morrendo para o mundo e toda desgraça, tornar-nos perfeita e eternamente santos, o que agora esperamos na fé, mediante a palavra”.<sup>139</sup>

Nessa citação a perspectiva missionária está explícita: o Espírito Santo opera através da igreja com a intencionalidade de congregar toda a cristandade! *Cristãos e igreja são ao mesmo tempo alvo e instrumento do agir santificador do Espírito Santo.*

#### **2.5.3.4 Missão como pregação da palavra de Deus que gera a fé e sua relevância missiológica**

Ainda seguindo o fluxo da citação acima, e pontuando um aspecto que já esteve o tempo todo presente na abordagem, percebe-se que para Lutero, a totalidade da redenção obtida por Cristo e distribuída pelo Espírito Santo através dos meios da graça ministrados, através do serviço dos cristãos enquanto igreja, se afunila na dádiva da “palavra”, que quer ser acolhida pela “fé. A totalidade do que o Deus triúno faz se afunila na *palavra* e a totalidade da acolhida humana dos feitos de Deus se afunila na *fé* operada pelo Espírito, levando a pessoa concretamente ao arrependimento, à conversão, enfim, à obediência da fé. Essa *correlação entre palavra e fé* e o afunilamento de toda obra de Deus na palavra e na fé são dimensões vitais constitutivas para a *missio Dei* em acepção luterana. Para Lutero, *o único acesso que existe à obra consumada do Filho é o agir em andamento até o fim dos tempos por parte do Espírito Santo, que em sua condescendência faz uso da pregação da palavra de Deus para alcançar as pessoas e livremente lhes apresentar a fé.* Ele é o agente da missão, ele é que dá o acesso ao Filho mediante essa palavra (e os sacramentos) que gera fé. É importante perceber que o Espírito Santo opera a fé no *interior* da pessoa que ouve, através do veículo *exterior* da

---

<sup>139</sup> **Catecismo Maior**, p. 456.

palavra e dos sacramentos (cf. Rm 10.17)<sup>140</sup>. Lutero entende a compreensão do anúncio da palavra e de seus efeitos salvíficos em crítica tanto ao *materialismo sacramentalista* unilateral da tradição escolástica romana medieval, quanto ao *espiritualismo antropocêntrico* unilateral dos movimentos e grupos entusiastas de seu tempo<sup>141</sup>. O Espírito Santo usa a palavra enquanto meio material de realizar sua obra nas pessoas, mas ele permanece livre sobre os meios que usa<sup>142</sup>, e isso é fundamental para a pregação e o testemunho missionário da igreja. Pois, a despeito da liberdade de Deus em relação aos meios da graça, a *pregação do evangelho em palavra e sacramentos* é necessária para a salvação! Fora dela não há salvação.

O milagre da fé foi descrito de forma bíblica- e teologicamente marcante no Catecismo Menor:

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim como chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na fé verdadeira e única.<sup>143</sup>

---

<sup>140</sup> “So nu Gott sein heiliges Euangelion hat auslassen gehen, handelt er mit uns auf zweierlei Weise, Einmal äusserlich, das ander Mal innerlich. Äusserlich handelt er mit uns durchs mündliche Wort das Euangelii und durch leipliche Zeichen, als do ist Taufe und Sakrament. Innerlich handelt er mit uns durch den Heiligen Geist und Glauben sampt andern Gaben. Aber das alles der Massen und der Ordnung, dass die äusserlichen Stucke sollen und müssen vorgehen. Und die innerlichen hernach und durch die äusserlichen kommen, also dass ers beschlossen hat, keinem Menschen die innerlichen Stuck zu geben ohn durch die äusserlichen Stucke.” (WA 18,136,9, apud PETERS, 1991, p. 198).

<sup>141</sup> Cf. SCHWAMBACH, Claus. A palavra de Deus como sinal ecumênico da igreja (*nota ecclesiae*) na ótica de Martim Lutero. In: **Caminhos do Diálogo**. Curitiba, vol. 9, 2018, p. 110-133.

<sup>142</sup> “Insofern sind Wort und Sakrament, ist vor allem die Predigt des Evangeliums, heilsnotwendig. Zugleich freilich bleibt der Herr nicht jenseits, sondern in dieser seiner Selbstbindung an die Gnadenmittel souverän und frei. Er schenkt den rechten Heilsglauben, ‘wo und wann er will’. Hier stossen wir erneut auf die geheimnisvolle Grenze zwischen Schöpfer und dem Geschöpf. Wir können weder einen anderen den rechten Glauben ‘ins Herz giessen’, noch können wir ihn uns selber durch noch so brünstige Meditation erwerben. Unsere Einflussmöglichkeiten bleiben beschränkt auf den welthaften Leibesmenschen, das transzendierende Herzinnerste steht in Gottes Hand”. PETERS, 1991, p. 198s.

<sup>143</sup> **Catecismo Menor**, p. 371s. Detalhes da interpretação de Lutero: PETERS, 1991, p. 200ss.

A correlação entre palavra e fé – *promissio et fides* – constitutiva para a teologia de Lutero<sup>144</sup>, também é, portanto, constitutiva para a missiologia que quer permanecer em sua tradição. Missão não pode abrir mão do claro anúncio da palavra de Deus como lei e evangelho (*promissio*), em palavras e ações coerentes e nutridas na palavra, pois esse é o instrumento utilizado pelo Espírito Santo para realizar a missão. Nesse sentido, dentro da tradição luterana, a missão não poderia ser reduzida a *mera convivência* ou ao *mero diálogo*, como em determinadas concepções contemporâneas. Antes, sem perder de vista a necessidade do testemunho do evangelho e de Jesus Cristo como verdade salutar de Deus para as pessoas, é possível ver essas três dimensões (missão, convivência, diálogo) como coisas inseparáveis, pois isso preserva de práticas missionárias errôneas<sup>145</sup>.

### 2.5.3.5 Salvação da perdição – Redenção e santificação como alvo maior da existência humana, núcleo central e intencionalidade da *missio Dei* no mundo

Ao **final de sua explanação do Credo**, Lutero destaca que *o alvo maior de Deus para a existência humana é a redenção e a santificação*, que possibilitam a eterna comunhão do ser humano com o trino Deus: Deus

<sup>144</sup> Para a centralidade desse termo, cf. BAYER, Oswald. **Promissio**. Geschichte der reformatorischen Wende in Luthers Theologie. 2. durchgesehene, um ein Vorwort erweiterte Aufl. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.

<sup>145</sup> Em vista das discussões atuais, e tentando aplicar a teologia de missão na tradição bíblico-teológica de Lutero, arriscamos afirmar: o caráter de pedido ou de convite à reconciliação com Deus (2 Co 5.20) é ressaltado, quando nossa **missão** é realizada no contexto de nosso convívio autêntico com outras pessoas (**convivência**) e de nosso diálogo honesto com elas (**diálogo**). Entendemos que missão não deveria ser reduzida à mera convivência ou ao mero diálogo, mas é recomendável considerar sempre essas três dimensões como dimensões que se balizam mutuamente. Fazer missão sem a devida convivência e sem o necessário diálogo é uma postura desrespeitosa e arrogante, não condizente com o evangelho. Valorizar apenas a convivência com outras pessoas não cristãs, sem manter o diálogo e sem realizar a missão de testemunhar o evangelho e anunciar a palavra de Deus é privilegiar um pluralismo de verdades que se mantém indiferente para com as pessoas. E valorizar apenas o diálogo com os outros, sem manter boa convivência e sem realizar missão é desconsiderar a tarefa legada por Deus de transmitir o evangelho de forma inculturada. Nesse sentido, é recomendável que missão aconteça junto com a busca da convivência autêntica e humilde, e do diálogo honesto e respeitoso com as outras pessoas, e que sempre haja disposição ao aprendizado com outros, pois mesmo lá onde houver posições diferentes e controversas, os relacionamentos são cultivados e o convívio é enriquecido através da pluralidade das conversas e debates – também em torno da fé de cada qual.

nos criou exatamente para nos redimir e santificar, e, além de nos dar e conceder tudo quanto há no céu e na terra, ainda nos deu o seu Filho e Espírito Santo, a fim de por eles levar-nos a si mesmo. Pois [...] jamais poderíamos chegar a conhecer o favor e a graça do Pai a não ser por intermédio de Cristo SENHOR, que é espelho do coração paterno, sem o qual nada vemos senão um juiz encolerizado e terrível. Mas também de Cristo de nada poderíamos saber, se não tivesse sido revelado pelo Espírito Santo.<sup>146</sup>

A fé no Deus triúno, explanada no Credo, representa para Lutero o *ponto de ruptura e distinção entre a igreja e o mundo, a salvação e a perdição das pessoas:*

Esses artigos do Credo, por conseguinte, separam e apartam aos que somos cristãos de todos os outros homens da terra. Pois todos os que estão fora da cristandade, sejam gentios, turcos, judeus ou falsos cristãos e hipócritas, ainda que creiam e adorem um único Deus verdadeiro, não obstante ignoram qual o sentir de Deus relativamente a eles, nem podem esperar dele qualquer amor e bem, razão por que permanecem debaixo de eterna ira e condenação. Pois não têm o Cristo SENHOR, e além disso não são iluminados e nem agraciados com nenhum dom pelo Espírito Santo.<sup>147</sup>

Percebe-se, aqui, novamente, que a fé no primeiro artigo, ou seja, uma espécie de crença universal em um único Deus e criador, em si, ainda não é salvífica para Lutero. Pois somente a fé em Cristo, operada pelo Espírito Santo, é que dá acesso à salvação em sentido restrito.

#### **2.5.3.6 A distinção entre lei e evangelho como síntese da *missio Dei* e como referência criteriológica da missiologia luterana**

Dentro da assim chamada sistemática do Catecismo, antes de partir para o Pai Nosso, Lutero ainda estabelece uma **conexão entre o Credo** como um todo e **os Dez Mandamentos** como um todo. Os *Dez Mandamentos são, basicamente, revelação da exigência divina*; já o *Credo é, basicamente, revelação das dádivas divinas*. Lutero não usa aqui explicitamente essas palavras, mas poderíamos dizer, os Mandamentos são *lei*, o Credo é *evangelho*<sup>148</sup>. Lei é exigência, que mostra o

<sup>146</sup> Catecismo Maior, p. 456.

<sup>147</sup> Catecismo Maior, p. 456.

<sup>148</sup> Cf. BAYER, 1994, p. 111s.

que Deus quer, sem dar condições de cumprir, por isso exigência que sempre, somente, exclusivamente e incansavelmente nos acusa em nossa *conditio humana* pecaminosa. Já o evangelho é manifestação de tudo que Deus em sua misericórdia e bondade dá e faz pelo ser humano – seja na criação através de dádivas terrenas, e principalmente na redenção através de dádivas eternas –, possibilitando-lhe a comunhão com ele! O acesso aos Dez Mandamentos é universal, pois estes estão, para Lutero, inscritos nos corações de todos os seres humanos. Já o acesso ao Credo e à fé verdadeira, que torna uma pessoa em um cristão e que capacita a viver de acordo com os mandamentos, é uma dádiva especial operada por Deus exclusivamente através de Jesus Cristo e do Espírito Santo. *Missão vive do fato de Deus incansável- e inesperadamente operar o milagre da fé, fazendo surgir um povo seu, a igreja.* Missão tem nesse milagre divino seu horizonte permanente. O texto fala por si:

o Credo é doutrina bem diferente da dos Dez Mandamentos. Pois essa ensina o que nós outros devemos fazer; aquela, entretanto, nos diz o que Deus nos faz e dá. Os Dez Mandamentos, ademais, estão inscritos nos corações de todos os homens; ao Credo, porém, nenhuma inteligência humana o pode compreender, devendo ser ensinado unicamente pelo Espírito Santo.<sup>149</sup>

A ênfase de Lutero de que só o Espírito Santo pode operar a fé e a salvação é consolo, e liberta do legalismo missionário e da pressão exercida pela necessidade de sucesso missionário. Nesse sentido, a ancoragem estrutural da *missio Dei* na teologia da trindade tem a função profilática de preservar a missiologia luterana de cair debaixo do perigo do *eticismo eclesiológico ou do eticismo missionário*, em que novamente a missão passa a depender legalisticamente do empenho do cristão e da igreja, e não mais da intervenção milagrosa de Deus<sup>150</sup>.

### **2.5.3.7 *Missio Dei* como recondução do ser humano perdido de volta à eterna comunhão com Deus e ao propósito original da totalidade de sua existência**

Na sequência da abordagem, Lutero enfatiza mais uma vez que o Credo é o evangelho enquanto ponto que separa cristãos de não cristãos:

<sup>149</sup> **Catecismo Maior**, p. 457.

<sup>150</sup> Sobre o tema eticismo missionário ou eticismo eclesiológico, cf. SCHWAMBACH, 2015, p. 114; sobre missão como “obrigação”, cf. STANGE, 2017.

Razão por que aquela doutrina [i. é, a dos Dez Mandamentos] ainda não faz de ninguém cristão, pois sempre ainda permanecem sobre nós a ira e o desfavor de Deus, visto não podermos cumprir o que Deus de nós exige. Mas a doutrina do Credo traz puramente a graça, e nos torna íntegros e agradáveis a Deus.<sup>151</sup>

Interessante é, ainda, como Lutero resume Dez Mandamentos e Credo: “Ouvimos [...] o que se deve fazer e crer, em que consiste a melhor e mais feliz vida”<sup>152</sup>. *Missio Dei* tem a ver com o restabelecimento da verdadeira felicidade humana! Mandamentos e Credo apontam para o *caminho da felicidade, do sentido último e da plenitude da existência humana*, pois (re)colocam as pessoas dentro dos *propósitos originais* de Deus, seja como o criador, e principalmente como o redentor e o santificador. O alvo final de ambos é colocar o ser humano perdido e condenado em comunhão com o Deus triúno, no tempo e em eternidade.

## 2.6 Pai Nosso – A oração que conecta o Reino escatológico de Deus com sua irrupção na história enquanto palco da *missio Dei*

### 2.6.1 O lugar do Pai Nosso na sistemática do Catecismo

Chegamos à terceira parte dos Catecismos, o **Pai Nosso**<sup>153</sup>. Qual é o lugar que este ocupa na sistemática dos Catecismos<sup>154</sup>? Lutero aponta para o lugar teológico do Pai Nosso já no início de sua explanação:

[V]isto nossa situação ser tal, que ninguém pode cumprir os mandamentos perfeitamente, ainda que haja começado a crer, e visto o diabo, juntamente com o mundo e a nossa própria carne, a isso se opor com toda a força, nada é mais necessário do que viver continuamente nos ouvidos de Deus, clamando e pedindo que nos dê, preserve e multiplique a fé e o cumprimento dos Dez Mandamentos, e remova tudo o que está em nosso caminho e nos impede.<sup>155</sup>

---

<sup>151</sup> **Catecismo Maior**, p. 457.

<sup>152</sup> **Catecismo Maior**, p. 457.

<sup>153</sup> **Catecismo Maior**, p. 457ss.

<sup>154</sup> A mais abrangente explanação acadêmico-científica sobre o Pai Nosso na interpretação de Lutero é de PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Bd. 3. Das Vaterunser. Hrsg. v. Gottfried Seebass. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.

<sup>155</sup> **Catecismo Maior**, p. 457.

A oração do Pai Nosso tem seu lugar teológico no contexto da obra da salvação escatológica ainda em andamento que é realizada pelo Espírito Santo, conduzindo pessoas à fé em Jesus Cristo por intermédio dos meios da graça que ele disponibiliza no contexto da igreja cristã<sup>156</sup>. Se o Credo aponta para as obras e dádivas maravilhosas do Deus trino aos seres humanos e a toda criação, a *oração do Pai Nosso*, na qual o ser humano pede a Deus pelas dádivas de que necessita, é a *porta de acesso às tais dádivas divinas mencionadas no Credo*, é a porta de acesso às *próprias pessoas divinas e suas múltiplas obras no mundo e entre a humanidade*. O núcleo central dessas obras consiste em arrancar pessoas da perdição e da escravidão sob as forças das trevas (pecado, diabo, mundo, carne) e conduzi-las à plena comunhão com o trino Deus enquanto criador, redentor e santificador. Como o acesso a todas essas obras está a encargo do agir do Espírito Santo e ainda está em processo até o fim dos tempos, e o mundo no qual as pessoas vivem ainda é marcado pela ação dos poderes das trevas, a *oração* é a dádiva que Deus mesmo disponibiliza para esse tempo de *interim escatológico*, e que dá acesso à comunhão plena com ele e às dádivas futuras todas que ele quer dar aos que vivem na comunhão com ele já agora<sup>157</sup>. Quando Jesus ensina o Pai Nosso, ele mostra como pessoas podem viver na comunhão dos santos e na igreja cristã, ter acesso ao perdão de pecados, e encontrar a ressurreição dos mortos e a vida eterna. O Pai Nosso é, por excelência, *a oração dos cristãos, da comunidade daqueles que já receberam a fé*, que já experimentaram a redenção que Deus realizou através de seu Filho e a obra santificadora do Espírito Santo. É uma oração que acontece, para Lutero, num contexto da luta escatológica e apocalíptica<sup>158</sup> de Deus – e junto com ele, dos cristãos que vivem em comunhão com ele – com o diabo, com o mundo e com a própria carne, forças que querem afastá-los de Deus e mantê-

---

<sup>156</sup> Nesse contexto, PETERS, p. 44ss, aborda as tensões entre a interpretação reducionista do Pai Nosso em tradições da Igreja Antiga e o pano de fundo bíblico, bem como a característica histórico-salvífica das interpretações tardias de Lutero (p. 49-55).

<sup>157</sup> Lutero sintetizou as 3 primeiras partes do Catecismo numa fórmula, em uma pregação catequética de 15.12.1528: “1. Decem praecepta, quid faciendum quidve omittendum, 2. Quis deus noster, quando nomen et natura eius, 3. Wie wirs holen sollen” (WA 30 I,109,3ss). O último ponto mostra que o Pai Nosso e a forma indicada por Deus sobre como as pessoas podem se apropriar das dádivas de Deus – pedindo!

<sup>158</sup> Sobre a dimensão apocalíptica inerente à teologia de Lutero, cf. BAYER, 2007, p. 7-8 (tópico: Apocalipismo e coragem de viver). Cf. também PETERS, 1992, p. 28ss (“Das Vaterunser als Schutz- und Angriffswaffe gegen den Satan”).

los aprisionados à velha vida sem Deus. Assim, *oração e missão são grandezas que não se pode desconectar, de maneira que a oração ocupa lugar central e privilegiado na missiologia luterana*. A oração se constitui na confissão – no fundo muito consoladora e libertadora – da falibilidade e incapacidade humana de operar milagres que só Deus pode operar: “Pois cumpre saibamos que toda a nossa defesa e proteção está unicamente na prece. Porque frente ao diabo, com seu poder e adeptos, que se nos opõe, somos demasiadamente frágeis”<sup>159</sup>. O Pai Nosso é uma oração missionária, para que Deus “dê, preserve e multiplique a fé”, mantendo os cristãos firmes, e conduza os que ainda não são cristãos a tal fé. O sucesso da missão e da evangelização, na ótica de Lutero, não depende do muito fazer – do eticismo legalista ou entusiasta – humano, mas da fidelidade de Deus às suas promessas, das quais a oração se nutre<sup>160</sup>. Viver em oração é viver na *missio Dei*, e inversamente, quem vive na *missio Dei*, vive em oração. Aqui na interpretação do Pai Nosso, em que o cristão intercede pela irrupção do Reino de Deus, a teologia da oração de Lutero possui uma estrutura fortemente missionária. Tal oração Lutero vê como o cumprimento do 2º mandamento: “Orar, entretanto, conforme ensina o segundo mandamento, é ‘invocar a Deus em todas as necessidades’”<sup>161</sup>. Cristo ensinou seus discípulos a orarem sobre suas necessidades, porque Deus certamente quer supri-las: “Deus, além do mandamento e da promessa, [...] indic[ou], ele mesmo, as palavras e a maneira, e nos pondo na boca como e o que nos cumpre pedir, a fim de que vejamos quão afetuosamente ele se condói de nossa necessidade, e jamais duvidemos que essa oração lhe agrada e que certamente será ouvida”<sup>162</sup>.

### **2.6.2 A distinção entre necessidades humanas no relacionamento com Deus (bens eternos) e necessidades humanas relativas à vida no mundo (bens temporais) e suas implicações missiológicas**

Depois de elaborar uma longa exortação dos cristãos à oração<sup>163</sup>, Lutero interpreta o Pai Nosso, que ele entende estar dividido em 7 petições, que

---

<sup>159</sup> **Catecismo Maior**, p. 461.

<sup>160</sup> Cf. PETERS, 1992, p. 22ss, tópico “Gottes Gebot und Verheissung als Grund unserer Erhörungsgewissheit”.

<sup>161</sup> **Catecismo Maior**, p. 458.

<sup>162</sup> **Catecismo Maior**, p. 459.

<sup>163</sup> Cf. **Catecismo Maior**, p. 457-461.

correspondem às 7 *necessidades básicas do ser humano*, mas na *ótica do próprio Cristo*, e não na *ótica do ser humano*. É uma *escala teocêntrica de necessidades humanas*, é *antropologia em perspectiva teológica*. No Pai Nosso “estão compreendidas, em sete artigos ou petições sucessivas, todas as necessidades que incessantemente nos atingem”<sup>164</sup>. Enquanto que as pessoas têm suas próprias ideias a respeito de suas necessidades, a oração ensinada por Jesus contém a revelação das reais e verdadeiras necessidades humanas do ponto de vista do Deus criador, redentor e santificador. Lutero mais uma vez introduz uma distinção vital, e divide essas 7 necessidades em 2 grupos, a saber, *as necessidades do ser humano em relação ao seu relacionamento com Deus (redenção e santificação)* e as suas *necessidades relativas à vida nesse mundo* passageiro e provisório. Assim como no Decálogo os 3 primeiros mandamentos dizem respeito à relação com Deus e os demais à relação com o próximo e a vida no mundo, assim também ocorre com o Pai Nosso. Lutero orienta-se, ao fazer essa distinção, na passagem de Mateus 6.33: *Buscai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas*, “[p]ois como permitiria nos minguassem bens temporais e sofrêssemos penúria, quando promete o que é eterno e imperecível?”<sup>165</sup> Para ele é realmente necessário observar, ao se definir quais as necessidades humanas, a *sequência* proposta por Mt 6.33: *primeiro* o reino de Deus e sua justiça, *depois* as demais necessidades terrenas. A razão é simples: para Lutero, a irrupção do reino escatológico ou da nova criação de Deus torna o presente mundo ou a presente criação em *velho* mundo, ou em *velha* criação (cf. 1 Co 7.29-31). O mundo em sua presente forma, passará – foi criado e permanece amado por Deus, mas está destinado ao juízo e à redenção em uma nova criação. A missiologia de Lutero é, portanto, uma *missiologia da irrupção do Reino escatológico de Deus, e tem no Reino de Deus, e não na igreja, e nem no presente mundo cuja aparência passa, seu horizonte maior*. Lutero reforça esse aspecto na interpretação da 7ª petição (livra-nos do mal) – algo que se nos torna compreensível se percebermos a dimensão apocalíptica e escatológica de sua teologia: a presente criação passará e uma nova criação está sendo estabelecida por Deus – o próprio Reino de Deus em sentido restrito e soteriológico:

Daí vêes como Deus quer que lhe dirijamos petições também por tudo o

---

<sup>164</sup> **Catecismo Maior**, p. 461.

<sup>165</sup> **Catecismo Maior**, p. 465.

que nos afeta corporalmente [...] Mas esta petição ele a pôs em último lugar. Pois, se é para sermos protegidos contra todo o mal e libertados dele, necessário se faz que primeiro seja em nós santificado o seu nome, esteja entre nós o seu reino e se faça a sua vontade. Depois, enfim, nos preservará ele de pecado e vergonha, e ademais, de quanto nos doa e seja danoso.<sup>166</sup>

A oração enquanto diálogo e comunhão entre Deus e o ser humano se revela como uma dimensão constitutiva da existência humana, no tempo e na eternidade. O ser humano foi criado para orar e se relacionar com Deus, e enquanto não tiver sido recolocado dentro da fé verdadeira, que o leva novamente a orar e invocar ao Deus verdadeiro revelado em Cristo de *abba*, pai, sua oração continuará pervertida, desvirtuada dos propósitos originais de Deus, em espiritualidade idólatra e existência egoísta autocentrada, preocupada primariamente com a matéria. Uma vez reestabelecida a relação com Deus através da fé em Cristo operada pelo Espírito Santo, através do ouvir da palavra pregada, brota dos cristãos e da igreja a oração do Pai Nosso. Por isso, nessa oração ensinada por Cristo, *primeiro* vem as petições pelo restabelecimento da comunhão perdida com Deus, *depois* as petições pelo suprimento das necessidades ligadas à vida terrena. As *necessidades prioritárias* dizem respeito à redenção e à consumação da existência humana, ao seu sentido derradeiro e ao seu destino eterno. Apenas depois é que vem as necessidades inerentes às lutas cotidianas da peregrinação passageira da vida terrena. A teologia da missão de Lutero se aproxima aqui do discurso missiológico contemporâneo da *teologia ou missiologia integral*<sup>167</sup>, que

---

<sup>166</sup> **Catecismo Maior**, p. 473.

<sup>167</sup> A teologia da missão integral é uma teologia nascida na América Latina nos anos 70, a partir do diálogo crítico com as Teologias de Libertação, com ênfase mais voltada para a evangelização e o compromisso social. René Padilla articulou o conceito no 1º Congresso para Evangelização Mundial em Lausanne, 1974, evento que resultou no famoso Pacto de Lausanne. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 9 out. 2018. A teologia do Pacto de Lausanne foi acolhida no âmbito do evangelicalismo internacional da WEA – World Evangelical Alliance (cf. <http://www.worldidea.org/>), mesmo em meio a tensões norte-sul, devido a diferentes ênfases do cristianismo do norte e do sul global. No Brasil, a acolhida deu-se, por exemplo, na Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL). Em tempos recentes, permanece controverso nas discussões, em que medida a Teologia da Missão Integral (TMI) representa ou não uma recepção do marxismo e das Teologias da Libertação no contexto evangélico (cf. p. ex. <<https://noticias.gospelmais.com.br/entenda-teologia-missao-integral-proposito-68115.html>>. Acesso em: 6 out. 2018). Provavelmente tenhamos que distinguir dentro do evangelicalismo setores em que a recepção *não* ocorreu na esteira das Teologias da Libertação, e outros em

vigorou muito fortemente por sua irradiação em círculos evangélicos a partir do 1º Congresso para Evangelização Mundial em Lausanne 1974<sup>168</sup>. A dimensão denominada de *integral* está presente na estrutura missionária da teologia de Lutero e na elaboração do discurso missiológico a partir do conceito de Reino de Deus que traz tanto a salvação quanto o bem-estar humano e social, o que não permite, no entanto, que a missiologia da tradição luterana seja simplesmente identificada de modo anacrônico e acrítico apressadamente com a teologia da missão integral contemporânea. Há diversos elementos do discurso da missão integral que são articulados sob referenciais teológicos *diferentes* dos de Lutero<sup>169</sup>. Enquanto que a missão integral tende a nivelar em determinados momentos salvação e bem-estar e a valorizar positivamente a preservação da criação e o bem-estar humano e social como sinais do Reino vindouro, Lutero coloca essas dimensões muito mais sob a marca da velha criação, destacando seu caráter provisório e passageiro, e portanto – no sentido de Mt 6.33 e da escala de necessidades do Pai Nosso –, também secundário. Obviamente secundário não quer dizer, irrelevante, pois ambas as dimensões são inerentes ao Pai Nosso. Ele prioriza de forma clara – e talvez hoje provocadora – a salvação, no entanto, sem desleixar o bem-estar, muito menos desvalorizá-lo. As relações de continuidade ou descontinuidade entre salvação e saúde, escatologia e história, evangelismo e compromisso social, preocupação

---

que a articulação da TMI se deu sob influência maior ou menor de tradições políticas socialistas e eclesiais das Teologias de Libertação.

<sup>168</sup> “Inspirada, entre outros, pela Fraternidade Teológica Latino-americana, o Movimento de Lausanne, a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos e a Visão Mundial Internacional, essa compreensão de missão tem procurado superar a dicotomia entre evangelização e responsabilidade social, questões espirituais e necessidades materiais, salvação individual, experiências comunitárias e questões de justiça. Sendo fiel aos tentáculos históricos da fé evangélica, a ênfase na missão integral sublinha que a igreja não pode ser indiferente à realidade de progressiva pobreza e injustiça que caracterizam o continente como um todo e em todo lugar. [...] Perseguir essa compreensão e experiência holística da missão da igreja é essencial para a igreja de hoje e do próximo milênio.” (STEUERNAGEL, Valdir. **A Igreja rumo ao ano 2000**. Como se posicionar de maneira saudável diante do desafio missionário que a perspectiva do ano 2000 coloca para a igreja. Belo Horizonte: Missão Editora; Visão Mundial, 1991). O desafio que desponta nessa vertente missiológica é o de promover uma “fé que pretende ser ao mesmo tempo bíblica e contextual, presente e futura, individual e coletiva, eclesial e social” (p. 54). Para “esses setores, o Evangelho deve ser entendido e recebido na sua totalidade e, como tal, interrelacionado com a totalidade da vida” (p. 55).

<sup>169</sup> Cf. STEUERNAGEL, Valdir R. (Org.). **A missão da igreja**. Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

com a alma e com o corpo permanecem controversas nos debates missiológicos contemporâneos, de modo que quem desejar ver em Lutero um precursor da missão integral do séc. 20 deverá, necessariamente, destacar não apenas as semelhanças e proximidades, mas também as diferenças e dissimilaridades do discurso missiológico.

### **2.6.3 O Pai Nosso como conjunto de petições de que a escatologia se concretize na história e beneficie quem está dentro e quem ainda está fora do Reino de Deus**

Em sua interpretação, Lutero mostra que em todas as petições os cristãos devem pedir que aquilo tudo que Deus faria independente deles, também supra as necessidades deles e ocorra em prol deles – *em seu favor*. Isso fica claro quando Lutero termina a exposição das 3 primeiras petições:

Eis que [...] temos, nessas três partes, [...] o que é necessário em relação ao próprio Deus. Mas tudo por nossa causa, pois o que pedimos diz respeito exclusivamente a nós, a saber [...] que também se faça em nós o que, demais, deve ser feito mesmo abstraindo-se de nós. Porque, assim como seu nome será santificado e seu reino há de vir mesmo sem o nosso pedir, assim também a sua vontade necessariamente será feita e imposta [...] Mas por nossa causa devemos pedir que também entre nós se faça, sem impedimento, a sua vontade.<sup>170</sup>

É importante registrar que Lutero não entende essas petições num sentido individualista e egoísta, mas o uso do plural “nós” mostra que ele sempre tem em mente, ao lado do indivíduo, a comunidade toda – a igreja – e o mundo todo – as sociedades humanas. A *missio Dei* é um assunto tanto do indivíduo como da igreja. No Pai Nosso, os cristãos oram por suas necessidades, sem esquecer que essas também são as necessidades de todas as sociedades humanas e de todos os que ainda não conhecem nem vivem em comunhão com Deus através da fé em Cristo. Nisso já se revela uma *clara perspectiva missionária* na interpretação que Lutero faz do Pai Nosso – trata-se para o Reformador de uma *oração com horizonte essencialmente missionário* e que visa incluir quem está fora do âmbito da salvação, empenhando-se para que entre. Isso fica especialmente claro justamente na 2ª petição:

---

<sup>170</sup> **Catecismo Maior**, p. 466.

Pedimos, [...] que isso tome efeito entre nós, e que destarte seu nome seja exaltado pela santa palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para nós, que a aceitamos, nisso permaneçamos e diariamente progridamos, como também a fim de que alcance assentimento e adesões entre os outros homens e marche poderosamente pelo mundo universo.<sup>171</sup>

A formulação de Lutero deixa claro que a *intencionalidade* da *missio Dei* em perspectiva luterana é o “assentimento” e a “adesão entre outros homens”, incluindo a dimensão da expansão geográfica – “marche poderosamente pelo mundo universo”. Como Paulo, também Lutero quer ganhar pessoas de fora para o evangelho (cf. 1 Co 9.18-27). Lutero não fala aqui de conversão – o que ele faz em outros escritos – mas em assentimento e adesão. Por isso, não deveria ser tabu afirmar que a conversão ou o assentimento em fé perfazem um elemento importante na compreensão luterana da *missio Dei*. Há uma intencionalidade missionária muito clara na formulação de Lutero!

#### **2.6.4 A prioridade do restabelecimento do relacionamento do ser humano com Deus como demarcação de prioridade para a missão**

Dentro do contexto das três primeiras petições do Pai Nosso, a 2ª petição, pela vinda do Reino de Deus, que é aquela em que encontramos subsídios da dimensão missionária da teologia de Lutero, ocupa um lugar central nos Catecismos, estando em conexão teológica intrínseca com todas as suas grandes partes. A santificação do nome de Deus, solicitada na 1ª petição, ocorre, para Lutero, “quando tanto nossa doutrina como nossa vida são divinas e cristãs”<sup>172</sup> e quando “sua palavra [é] ensinada de maneira pura e [...] considerada preciosa e de valor”<sup>173</sup>. Tal santificação ocorre justamente quando o Reino de Deus vem (2ª petição)<sup>174</sup>. O “reino vem por si mesmo, sem as nossas petições, e contudo pedimos que venha a nós, isto é, que atue entre nós e junto a nós, de sorte que também sejamos parte daqueles entre os quais o seu nome é santificado e seu reino está

---

<sup>171</sup> **Catecismo Maior**, p. 463.

<sup>172</sup> **Catecismo Maior**, p. 462.

<sup>173</sup> **Catecismo Maior**, p. 463.

<sup>174</sup> Em uma prédica sobre o catecismo em 14.12.1528, Lutero explicou a conexão dessas 2 primeiras petições da seguinte forma: “1. Est de verbo, 2. De fructu verbi. Nam si verbum praedicatur et non suscipitur, regnum dei non venit” (WA 30 I,101,1s).

em vigor<sup>175</sup>. Com a 2ª petição, chega-se, portanto, ao aspecto central, do qual é possível depreender o que Lutero entende por *missão em sentido restrito*. Missão ou *missio Dei*, no contexto dessas duas primeiras petições do Pai Nosso, *tem estritamente a ver com a salvação das pessoas*, como se evidencia nas primeiras frases que Lutero escreve na interpretação da 3ª petição:

“Até agora pedimos que seu nome seja honrado por nós e seu reino entre nós prevaleça. Nesses dois pontos está compreendido tudo o que se refere à honra de Deus e à nossa salvação, a saber, que recebemos como propriedade nossa a Deus e todos os seus bens. Mas aqui surge agora igualmente a grande necessidade de o retermos com firmeza e não permitirmos que se nos arranque disso” – do que trata a 3ª petição<sup>176</sup>.

A 3ª petição (faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu<sup>177</sup>) não apresenta nada de novo em relação às duas primeiras petições, mas apenas reforça, para Lutero, o que as duas primeiras petições contêm, sendo que a 2ª petição é o centro de tudo.

Em contraste com as necessidades ligadas à vida com Deus e à salvação, contidas nas 3 primeiras petições, e vistas por Lutero como as necessidades prioritárias do ser humano, as 4 últimas petições consideram “o pobre cesto do pão, as necessidades de nosso corpo e da vida temporal” (4ª petição)<sup>178</sup>; a “nossa pobre e mísera vida”<sup>179</sup>, enquanto marcada por culpa e pecado e pela necessidade do perdão (5ª petição); a luta com “provação ou tentação [...] da carne, do mundo e do diabo” (6ª petição)<sup>180</sup> e, por fim, o livramento escatológico e derradeiro do mal, “como se falasse do diabo, como se quisesse compreender tudo numa palavra, para que a suma inteira da oração toda se dirija contra esse nosso inimigo principal” (7ª petição)<sup>181</sup>.

Resumindo, o Pai Nosso contém, assim, uma escala de necessidades humanas que Deus quer em sua bondade suprir, e que culmina com a *redenção* da pessoa toda de todas as forças do mal, já nessa vida passageira, e na eternidade. A

---

<sup>175</sup> **Catecismo Maior**, p. 463.

<sup>176</sup> **Catecismo Maior**, p. 465.

<sup>177</sup> **Catecismo Maior**, p. 465s.

<sup>178</sup> **Catecismo Maior**, p. 467.

<sup>179</sup> **Catecismo Maior**, p. 469.

<sup>180</sup> **Catecismo Maior**, p. 471.

<sup>181</sup> **Catecismo Maior**, p. 473.

priorização das necessidades em relação ao restabelecimento do relacionamento com Deus não exclui de forma alguma a preocupação com o suprimento das demais necessidades humanas, apenas a coloca sob a perspectiva escatológica inerente à passagem bíblica de Mt 6.33 e contexto, que norteou Lutero na elaboração de sua visão das petições do Pai Nosso. Isso tem **implicações importantes para a missiologia em tradição luterana**: tanto a dimensão vertical (salvação escatológica) quanto a horizontal (bem-estar humano e social) são importantes e constituintes da missão de Deus no mundo – o que também é um forte pleito da Teologia da Missão Integral. No entanto, não deve haver *nem verticalização* – como ocorreu com determinadas sociedades missionárias que entenderam missão unilateralmente como conversão de almas para Cristo – e *nem horizontalização* unilaterais – como ocorreu com o enfoque missiológico das assim chamadas Teologias da Libertação e as várias formas de teologias do genitivo (teologia política, teologia negra, teologia feminista, teologia indigenista etc.)<sup>182</sup>. Uma perspectiva não pode ser isolada da outra e ambas contemplam o ser humano como *totus homo* – como ser humano integral em corpo, alma e espírito, como ser que existe, em linguagem luterana, *coram Deo et coram hominibus sive coram mundo*. Ainda assim, a *priorização* da dimensão vertical da *missio Dei*, acentuada pelo Reformador, indica a radicalidade da perspectiva escatológica e da visão apocalíptica de realidade que está por detrás de Mt 6.33 e contexto: a presente criação enquanto reino desse mundo passará e uma nova criação enquanto Reino de Deus em sentido restrito se estabelecerá – bíblicamente falando: céus e terra na sua forma presente passarão, e Deus estabelecerá novos céus e nova terra, nos quais habita justiça (cf. 2 Pe 3.1-13, esp. v. 13; Ap 21 e 22). Por isso, a supervalorização da compreensão da *missio Dei* como restabelecimento do bem estar humano, muito evidente em várias concepções unilateralmente horizontalistas, está teologicamente na contramão da visão missiológica preconizada pelo Reformador. As dimensões vertical e horizontal formam sempre uma unidade indissociável para a missão, mas faz jus à urgência da irrupção da nova criação priorizar a dimensão vertical, sem desleixar a horizontal. Isso também significa que essas duas dimensões não podem ser simplesmente niveladas, como se fossem de igual relevância – ao menos não para Lutero. Há uma inegável assimetria. Nisso reside ao nosso ver uma provocação da teologia de Lutero para a atualidade.

---

<sup>182</sup> Cf. BAYERHAUS, 1996, p. 197-282, sobre missiologias e hermenêuticas contextuais (do genitivo).

### 3 BALANÇO

O presente estudo realizou a análise dos pressupostos teológicos que perfazem a estrutura missionária da teologia de Lutero, tais quais se apresentam na assim chamada *sistemática do Catecismo* no Catecismo Maior do Reformador, e assim identificou e mapeou o quadro maior de referências teológicas dentro das quais ele interpreta a 2ª petição do Pai Nosso. Apontou-se para a estrutura singularmente missionária e para a compreensão de *missio Dei sui generis* do Reformador em suas múltiplas nuances teológicas e em suas principais proximidades e distanciamentos em relação a concepções missiológicas contemporâneas. Dessa forma, esse estudo cumpriu seu objetivo de preparar o terreno para a abordagem da interpretação da 2ª petição do Pai Nosso propriamente dita, enquanto coração da missiologia de Lutero, que será abordada em um estudo à parte<sup>183</sup>, em cujo final também serão sintetizados os resultados finais dessa pesquisa.

### REFERÊNCIAS

- BAYER, Oswald. **A teologia de Martim Lutero**. Uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- \_\_\_\_\_. Das WortwardFleisch. LuthersChristologiealsLehre von der Idiomenkommunikation. In: BAYER, Oswald. **Creator est creatura**. Luthers Christologie als Lehre von der Idiomenkommunikation. Berlin; New York: W. de Gruyter, 2007, p. 5-34.
- \_\_\_\_\_. **Promissio**. Geschichte der reformatorischen Wende in Luthers Theologie. 2. durchgesehene, um ein Vorwort erweiterte Aufl. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Schöpfung als Anrede**. Zu einer Hermeneutik der Schöpfung. 2. ed. ampl. Tübingen: J. C. B. Mohr 1990.
- \_\_\_\_\_. **Theologie**. HST 1. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994.
- BAYERHAUS, Peter. **Er sandte sein Wort**. Theologia der christlichen Mission. Bd. 1: Die Bibel in der Mission. Wuppertal; Bad Liebenzell: Brockhaus; Verlag der Liebenzeller Mission, 1996.

---

<sup>183</sup> O presente artigo tem continuidade em outro artigo, no próximo número de Vox Scriptae – Rev. Teol. Intern. (Vol. 27, nr. 3; set.-dez. 2019), sob o título: “*Venha o teu Reino!*” Elementos essenciais de uma teologia luterana da missão a partir da interpretação da segunda petição do Pai Nosso por Martim Lutero. Lá, a ênfase recairá na análise da 2ª petição do Pai Nosso por Lutero, visando identificar os elementos da compreensão que Lutero tem da missão em sentido restrito.

- BOSCH, David. **Missão Transformadora**. Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2009.
- BUCHHOLZ, Meiken. **Die Missionstheologische Bedeutung der zweiten Vaterunser-Bitte**, dargestellt im Vergleich ihrer Behandlung auf der Weltmissionskonferenz in Melbourne 1980 mit ihrer Auslegung durch Martin Luther und Karl Barth. Tübingen (material não publicado), s.a.
- BUTZKE, Paulo. De onde vem essa conversa de “igreja missional”? In: **Revista Orientação**. São Bento do Sul, n. 7, jan.-jul., 2017, p. 7-10.
- CATECISMO MAIOR do Dr. Martinho Lutero. In: **Livro de Concórdia**. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1993, p. 385-496 [= **Catecismo Maior**].
- DÖRRIES, H. Luther und die Heidenpredigt. In: DÖRRIES, H. **Mission und Theologie**. Göttingen: H. Reise, 1953, p. 61-77.
- DREWS, Paul. Die Anschauungen reformatorischer Theologen über die Heidenmission. In: **Zeitschrift für Praktische Theologie**. Frankfurt a. M., vol. 19, 1897, p. 1-26.
- ELERT, Werner. **Morphologie des Luthertums**. Vol. 1. Theologie und Weltanschauung des Luthertums, hauptsächlich im 16. und 17. Jahrhundert. Munique: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1958.
- ENQUIRÍDIO. CATECISMO MENOR do Dr. Martinho Lutero para os pastores e pregadores indoutos. In: **Livro de Concórdia**. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1993, p.361-384 [= **Catecismo Menor**].
- GENSICHEN, H.-W. Were the Reformers Indifferent to Missions? In: GENSICHEN, H.-W. **History's Lessons for Tomorrow's Mission**. Genebra: WSCF, 1960, p. 119-127.
- GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**. Luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- HARDELAND, Otto (Ed.). **Geschichte der lutherischen Mission nach den Vorträgen des Pfr. D. Plitt**. Vol. 1. Leipzig: Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1894-1895.
- HEMPELMANN, Heinzpeter. **Gemeinde bauen in einer multireligiösen Gesellschaft**: Apostelgeschichte 17 als Leitfaden für missionarisches Handeln. Bad Liebenzell: VLM – Verlag der Liebenzeller Mission, 1998.
- HENDRIX, Scott H. **Re-Cultivating the Vineyard**: The Reformation Agendas of Christianization. Louisville; London: Westminster John Knox, 2004.
- HOLL, Karl. Luther und die Mission. In: HOLL, Karl. **Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte**. Vol. 3. Der Westen. Tübingen: Mohr Siebeck, 1928, p. 234-243.
- HUHTINEN, Pekka. Luther and World Missions: A review. In: **Concordia Theological Quarterly**. Fort Wayne, vol. 65, n. 1, jan., 2001, p. 15-30.
- JOHNSON, Anna Marie; MAXFIELD, John A. (Eds.). **The Reformation as Christianization**: Essays on Scott Hendrix's Christianization Thesis. Spätmittelalter, Humanismus, Reformation/Studies in the Late Middle Ages, Humanism and the Reformation, 66. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012.
- KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- MAURER, W. Reformation und Mission. In: **Lutherisches Missionsjahrbuch**. [s.l.]: Selbstverlag der Bayerischen Missionskonferenz, 1963, p. 20-41.
- LWF. **Lutheran Contributions to the Missio Dei**. Genebra: LWF, 1984.
- NEWBIGIN, Leslie. **O Evangelho em uma sociedade pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016.
- Missio Dei Heute**. Zur Aktualität eines missionstheologischen Schlüsselbegriffes. Breklum: Breklumer Druckerei, 2002.

- ÖBERG, Ingemar. **Luther and Wold Mission: a historical and systematik study with special reference to Luther's bible exposition**, translated by Dean Apel. St. Louis: Concordia, 2007.
- PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Vol. 1. Die Zehn Gebote. Hrsg. V. Gottfried Seebass. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Bd. 2. Der Glaube – *Das Apostolikum*. Hrsg. V. Gottfried Seebass. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Bd. 3. Das Vaterunser. Hrsg. v. Gottfried Seebass. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.
- \_\_\_\_\_. Zwischen Gottesmystik und Christuszeugnis. Zur Theologie K. Rahners (5.3.1904-30.3.1984). In: **Theologische Rundschau**. Tübingen, vol. 51, n. 3, 1986, p. 269-314.
- RAUPP, Werner (Ed.). **Mission in Quellentexten**. Von der Reformation bis zur Weltmissionskonferenz 1910. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission; Bad Liebenzell: Verlag der Liebenzeller Mission, 1990.
- REPPENHAGEN, Martin. **Auf den Weg zu einer missionalen Kirche**. Die Diskussion um eine "missional church" in den USA. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2011.
- ROSIN, H. H.; van WINSEN, G. **Missio Dei, term en functie in dezendingstheologische discussie**. Leiden: Brill, 1971.
- SHANTZ, Douglas H.; ERB, Peter C. **An introduction to german Pietism: Protestant Renewal at the dawn of modern Europe**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013.
- SCHERER, James A. **Evangelho, igreja e reino: estudos comparativos da teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 1991.
- SCHWAMBACH, Claus. A palavra de Deus como sinal ecumênico da igreja (*nota ecclesiae*) na ótica de Martinho Lutero. In: **Caminhos do Diálogo**. Curitiba, vol. 9, 2018, p. 110-133.
- \_\_\_\_\_. Evangelização no horizonte da vontade cativa. Desafios da antropologia da reforma protestante. In: **Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira**. São Bento do Sul, vol. 16, n. 2, jul.-dez., 2008, p. 38-123.
- \_\_\_\_\_. Missão a partir da teologia de Martinho Lutero. In: MORGNER, Christoph (Ed.). **Tinta, teses, temperamentos**. Seguindo os passos de Martinho Lutero. Curitiba: Esperança, 2017, p. 177-190.
- \_\_\_\_\_. Missão na teologia de Martinho Lutero. In: **Revista Orientação**, São Bento do Sul, n. 7, jan.-jul. 2017, p. 29-33.
- \_\_\_\_\_. "Quo vadis ecclesia?" – A eclesiologia de Lutero e sua contribuição para o desafio da edificação de comunidades na Igreja Luterana no Brasil. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul, 2015, p. 76-164.
- SCHLATTER, Adolf. Luther und die Mission. In: **Evangelisches Missionsmagazin**. Basileia, vol. 61, 1917, p. 281-288.
- SLENCZKA, Notger. Fides creatrix divinitatis: Zu einer These Luthers und zugleich zum Verhältnis von Theologie und Glaube. In: von LÜPKE, Johannes; THAIDIGSMANN, Edgar (Eds.). **Denkraum Katechismus: Festgabe für Oswald Bayer zum 70. Geburtstag**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 171-195.
- SPEHR, Christopher. Uma igreja cristã comum a todos. A compreensão de igreja na perspectiva de Lutero. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul, 2015, p. 165-188.

- STANGE, Klaus A. *Missio Dei*: Da obrigação para o privilégio. In: **Revista Orientação**. São Bento do Sul, n. 7, jan.-jun. 2017, p. 11-14.
- STEFAN BANDERÓ, Elis Regina. **Uma abordagem sobre a unidade da igreja centrada no evangelho**: a partir de Lutero e Keller. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia, 2017, 52 p. (Monografia, material não publicado, disponível na Biblioteca da FLT).
- STEUERNAGEL, Valdir. **A Igreja rumo ao ano 2000**. Como se posicionar de maneira saudável diante do desafio missionário que a perspectiva do ano 2000 coloca para a igreja. Belo Horizonte: Missão Editora; Visão Mundial, 1991.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **A missão da igreja**. Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.
- STOLLE, Volker. **Kirche aus allen Völkern**. Luther-Texte zur Mission. Erlangen: Verlag der Evangelischen Lutherischen Mission, 1983.
- SUESS, Paulo. **Missio Dei and the Project of Jesus**: The poor and the “other” as mediators of the Kingdom of God and protagonists of the Churches. In: *International Review of Mission*. vol. 92, out./2003, p. 550-559. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1758-6631.2003.tb00428.x>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- VALCO, Michal. **Martin Luther’s Views on Mission and Christianization**. [2016]. Disponível em: <<http://religion.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-367>>. Acesso em: 22 out. 2018.
- VICEDOM, Georg F. **A missão como obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- WARNECK, Gustav. **Outline of a History of Protestant Missions from the Reformation to the Present Time**: a contribution to Modern Church History. New York: Revell, 1901.
- WENDEBOURG, Dorothea. The Reformation as Christianization? In: **Ecclesiology**. Leiden, vol. 10, n. 1, 2014, p. 101-111.
- WETTER, Paul. **Der Missionsgedanke bei Martin Luther**. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 1999 .